



Extinção do jumento
desola paisagem do
Nordeste brasileiro



O nordestino, num futuro que já se avizinha, estará chorando pelo desaparecimento do jumento, animal paciente e amigo do homem e que de há muito tem sido um dos componentes mais expressivos da paisagem regional. Embora umbilicalmente ligado à vida sócio-econômica e cultural da Região, o jumento vem sendo perseguido pelo seu senhor humano que, como se não lhe bastassem os maus tratos, utiliza-o agora como matéria-prima nas indústrias de carne, transformando seus músculos em charques, para fins de exportação. (pág. 12)

Maria Clara,
de 11 anos,
consagração
de pianista



PESQUISADORA ANALISA A ESQUIZOFRENIA SOB OS ASPECTOS TEMPO E ESPAÇO



A Esquizofrenia — deficiência que tem acompanhado o homem desde há muito, atrapalhando os seus passos no dia a dia, impondo-se inclusive como desafio à própria ciência —, foi tema desenvolvido pela Professora pernambucana Ana Lúcia Portela de Oliveira, que obteve o grau de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a tese "Tempo e Espaço em Esquizofrenia". (pág. 5)

**Necessidade
da Lógica
Simbólica**

O Professor Marcuschi, do Mestrado em Letras da UFPE, afirma que a Lógica Simbólica é uma disciplina necessária, não apenas aos estudos lingüísticos e literários, mas deve estender-se até a arte culinária. (pág. 7)

**Preço
Cr\$ 2,00**

Álcool anidro, um velho combustível

Onde estão os ídolos?

FRANCISCO BERNARDES DE LACERDA
(do Curso de Matemática)

O tempo é inexorável. Aqueles que se prontificaram, movidos ou não pela máquina do consumo, a servir de indicadores de caminhos, protótipos de atitudes e cosmovisões, já não são os mesmos e, à primeira vista, parecem tomar posições contrárias àquelas do auge da idolatria.

A juventude vive sedenta de alguém a quem imitar, de guias. Os ídolos atuais foram moldados (pelas circunstâncias?) na década de 60 e os novos que surgem não conseguem substituí-los a contento. Há um vazio de indicadores de caminhos, pelo menos para a meninada que só sabe valorizar o extravagante e não perdoa seus idolatrados se não apresentam constantemente algo "novo" e chocante.

Pode-se afirmar que os ídolos envelheceram, passam dos trinta, conseqüentemente, não refletem mais os anseios da juventude. Será apenas isso? Chico Buarque de Holanda desfez muito cedo as pretensões da Idolatria, abandonando rápido a imagem do bom menino de olhos verdes, deslumbrado com a banda cantando coisas de amor, com a tristeza das Carolinas e a beleza das Januárias. Milton Nascimento nunca se deixou consumir plenamente pois sempre foi um pesquisador impertinente, inacessível a esquemas e rótulos.

Mas estes são apenas casos isolados de rebeldia. Compreenderemos melhor o fenômeno, se tentarmos analisar aqueles que se deixaram consumir e idolatrar, como Roberto Carlos, Caetano e Gil.

O primeiro, depois de se fazer porta-voz da Irreverência e da gíria, todos reconhecem: parece não estar com nada. O rock já se esgotou, depois de cumprir sua missão avassaladora de modificação de costumes e o lã-lã-lã, versão tupiniquim do rock Internacional, mais depressa ainda. Casado, Roberto trocou definitivamente o calhambaque por carros importados, é bom pai de família, pondo fim aos mexericos da Cadinha e desmentindo que casamento não era papo pra ele. Deixou de ser "terrível" e de fazer o apanágio da velocidade. Hoje, aproveita sua voz educada em nostálgicos tangos, depois de uma fase de religiosidade extremada, ou, quando muito, reedita sucessos passados, mandando tudo pro Inferno e ensinando muito lucidamente que quem vive de ilusões pode acabar maluco.

Claro que Roberto quer ir além do horizonte e tem todo direito à sua utopia. Mas, será que seus exaltados fãs compreenderam? Há um elo de ligação com *Águas de Março*, de Tom Jobim, que viu o fim do caminho mas soube entender que a natureza, haja o que houver, segue seu próprio curso, indiferente às angústias humanas. Roberto quer a volta à natureza e lá curtir tranquilamente uma vida sem censuras.

O mesmo pode ser dito de Gilberto Gil, embora aí encontremos uma versão mais elaborada do contacto com a natureza. Não é necessário falar da fase tropicalista de Gil e Caetano; sucedeu algo parecido com o fenômeno Roberto Carlos, também foram irreverentes e, a seu modo, indicadores de caminhos. Fixemo-nos no presente, precisamente em *Refazenda*.

O mínimo que se pode dizer é que Gil inventou a simplicidade. Já não temos o compositor nem o cantor das modulações imprevistas, dos saltos rítmicos e timbrísticos, mas o compositor e o cantor do lugar comum. Tudo isso, porém, marcado pelas incursões na macrobiótica e nas religiões orientais. Somente coisas banais são descobertas em seus retiros espirituais e de nada valem as encucacões, pois ter problemas é o mesmo que não: "resolver tê-lo é ter/resolver ignorá-lo é ter". Só resta mesmo se pôr em sintonia com a natureza e aguarde seus frutos, quando então será possível refazer, conforme a canção que empresta o título ao disco.

E, dentro dessa "invenção" da simplicidade, Gil ainda nos brinda com a belíssima *Tenho Sede*, de Anastácia e Dominguinhos. Porém, nada de extravagâncias, nada de experimentarmos instrumentais ou vocais, é o deixar ser do Taoflamo, desapontando até mesmo os que admiram Gil unicamente pela sua capacidade de inovação.

Caetano está prá lá de Marrakesh e qualquer coisa serve. Ainda esboça uma tentativa de chorar (ou fazer gozação), utilizando certos recursos visuais, coisa que John Lennon já utilizava à fartura décadas atrás (eu disse décadas?) e tudo leva a crer que Caetano, inteligente como é, deve estar cósco disso.

Enfim, tanto Roberto, quanto Gil e Caetano, encontraram, cada qual à sua maneira, a tranquilidade, seja no amor, na meditação transcendental ou na andalúzia de Cármem Miranda. E não negam o fato, transformam-no em música. Mas ainda há uma boa parte da meninada correndo atrás de Raul Seixas, um dia, de Sílvio Brito, outro dia, e assim por diante. Há uma ausência de ídolos: sinal dos tempos?

Centenário de Bayreuth:



e, mais uma vez, Wagner

1876, 13 de agosto. Todo o universo musical alemão se prepara para comemorar um acontecimento ligado à vida de um homem que, morto há noventa e três anos, ainda hoje gera as mais desconcertadas opiniões: a criação do Teatro Bayreuth, edificado em homenagem ao maestro e compositor Richard Wagner, o mais controvertido entre todos os mestres musicais alemães. O que mais despertou ódios e admirações, gritos de júbilo e exclamações de horror.

Quem foi Richard Wagner? As respostas a tal pergunta constituem um autêntico **tour de force**. Nascido em 22 de maio de 1813, em meio à atmosfera romântica da velha Leipzig, Wagner cresceu num ambiente familiar composto sobretudo de gente de teatro. E nada o impediu de escrever imponentes tragédias que, mesmo destituídas de méritos artísticos, viriam, contudo, confirmar o pendor wagneriano para as coisas do espírito. Tudo mudou, porém, quando o adolescente ouviu Weber e Beethoven. Como que tocado pela graça, Wagner viu seu ser invadido por um incontido delírio místico.

Delírio místico — eis uma expressão inseparável da vida e da obra do autor de *O Navio Fantasma*. Mas, diferentemente de um místico, Wagner tinha pressa. Seu professor de música, por exemplo, jamais conseguiu entender a impaciência do aluno em relação às contingências do solfejo. Antes mesmo de qualquer indício de amadurecimento, Richard Wagner já estava inteiramente absorvido pela composição de uma ópera: *"As Fadas"*. Não demorou muito, e compôs outra: *"A Proibição de Amar"*. Contudo, as duas obras não têm senão um valor histórico. E, insatisfeito com a má receptividade de ambas, o compositor mergulhou em profunda depressão — mas não deixou de levar adiante a ardente missão a que se propusera.

Paixões tempestuosas

Esquecido de que recomendara a si próprio a prevenção contra o amor, apaixonou-se pela atriz Minna Planer. E aí têm início os seus comentários casos sentimentais. A rigor, Wagner nunca conseguiu ser feliz com mulher alguma — nem mesmo com Cósima Bulow, que o adorava, era inteligente e tudo perdoava no compositor. Já separado de Minna, caiu nos braços de Mathilde Wesendonck. Ao concluir *"Lohengrin"*, em 1848, teve a má idéia de aderir às agitações revolucionárias que punham em polvorosa a Alemanha de então. Abortada a revolução, viu ser decretada contra ele uma ordem de prisão. Fugiu para a Suíça, mas levou consigo o coração de uma jovem dama chamada Jeaale

Laussot, inglesa, casada com um comerciante francês de vinhos, Eugene Laussot. Embora a vida amorosa do compositor não deva ser transformada em cavalo de batalha, ela não deixa de lançar uma certa luz sobre algumas de suas obras. *Tristão e Isolde*, por exemplo, não é senão a lembrança de seu frustrado amor por Mathilde.

Contribuições

Depois de passar alguns anos perambulando pela Europa, amargurado, solitário e irritado com os seus contemporâneos, o compositor viu surgir um raio de luz: Luís II, da Baviera, desejava vê-lo em Munique. Dotado de apurada sensibilidade musical, além de uma enorme admiração pelas óperas wagnerianas, o jovem príncipe proporcionou a Wagner as maiores honrarias. A maior delas, sem dúvida, foi Bayreuth. O Teatro, de um esplendor faraônico, veio reanudar o já desanimado mestre. Bayreuth foi o sonho de sua existência. A pedra angular foi colocada em 1872, mas depois o Teatro estava pronto para a primeira representação do *Anel dos Nibelungen* — monumental, pretensiosa tetralogia elaborada por Wagner.

Metade dos musicólogos acredita que o mérito musical de Wagner é indiscutível e imortal. Esses estudiosos alegam que o mestre alemão descobriu vastos campos inexplorados, tanto na orquestração como na harmonia, indicando novos rumos a toda uma geração. Inventou e

encontrou matizes e finezas musicais difíceis de serem esquecidas. E, ao mesmo tempo, produziu novos efeitos sobre o palco.

Música para quem?

Mas Wagner nunca conseguiu conquistar a elite alemã, assim como não conquistou as massas. Foi hostilizado pelos melhores artistas e escritores alemães da época, sendo aplaudido apenas pelos intelectuais franceses — Baudelaire, por exemplo, cultivava apaixonadamente certas óperas. Os círculos musicais alemães, porém, continuavam a admirar no tempo de Wagner, o *lied*, a música sacra e de câmara.

O público de Wagner era constituído de pequenos burgueses insatisfeitos. É o que leva muitos historiadores da música a afirmarem a existência de um nítido parentesco entre a obra do compositor e a posterior atuação de Hitler. Para Emil Ludwig, "Wagner se assemelha a Hitler por serem ambos genuínos fanáticos e atores ardilosos". Ludwig chega, inclusive, a recusar categoricamente as provas de que Wagner teria sido meio judeu. E conclui que "os pequenos burgueses alemães encontravam nas óperas de Wagner a brutalidade combinada com a inocência e sentiam-se atingidos nas cordas mais íntimas do seu ser".

Mesmo um musicólogo da estatura de Theodor Adorno, cujas pesquisas sobre música exerceram nítida influência, acredita que, se "o nazismo é

a estetização da política", Wagner teria alguma coisa a ver com o que viria, décadas depois, a estourar na Alemanha. Contudo, dificilmente o compositor aprovaria os crimes abomináveis cometidos pelos ideólogos do Nazismo. O mestre alemão chegou mesmo a sintonizar com Nietzsche, o filósofo seu amigo e depois inimigo, quando este advertiu os alemães para a necessidade de valorizar os bens espirituais oriundos da França — que, entre 1870/71, fora vencida militarmente pelas tropas de Bismarck.

Mundo comemora

Neste ano, sem o estardalhaço das comemorações do bicentenário de Independência dos Estados Unidos, o mundo inteiro festeja o centésimo aniversário do Teatro Bayreuth. Wagner mereceu? Ora, se alguém fizesse semelhante pergunta a um de seus incondicionais admiradores, como o brasileiro Mário Henrique Simonsen, ouviria, no mínimo, um discurso em favor do alemão. Mas, certa vez, o grande regente italiano Toscanini, um antinazista histórico, assegurou aos judeus que só aceitarla reger a Filarmônica de Israel se eles esquecessem sua aversão por Wagner e o admitissem no programa. E tem mais: hoje, arrefecido o entusiasmo da campanha anti-Wagner outrora conduzida por músicos como Debussy e Strawinski, o número de admiradores do autor de *"Parsifal"* aumenta a cada dia. Na certa, para o próprio bem da música ocidental.

Reitor	Paulo Frederico do Rego Maciel
Vice-Reitor	Geraldo Bezerra Lafayette
Pró-Reitor Comunitário	Sebastião Barreto Campello
Pró-Reitor Acadêmico	Theophilo Bened'cto de Vasconcellos
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Ruy João Marques
Pró-Reitor de Planejamento	Leonides Alves da Silva Filho
Pró-Reitor de Apoio Administrativo	Rubens de Souza
Chefe de Gabinete	Eduardo Cabral de Melo
Relações Públicas	Miguel Otávio de Melo Filho
Diretor do DEC	Marcus Accioly
Redator-chefe	Manoel Neto Teixeira
Redatores	Raimundo Carrero
	Ângelo Monteiro
	José Carlos Targino
	Ângela Delouche
Diagramador	Josias Florencio da Silva
Revisores	Paulo Neves e Moacyr Dantas
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural (órgão da Pró-Reitoria Comunitária) e impresso nas oficinas gráficas da Editora Universitária. Livros, revistas, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação, que funciona no 2.º andar do Edifício da Reitoria, Cidade Universitária — Recife — Pernambuco.

A Pesquisa Histórica, Hoje

JOSEMIR CAMILO

Com a criação de cursos de História em ordem ascendente, numericamente, em todo o Brasil, a produção historiográfica assume novos contornos baseada em dois aspectos: abordagem monográfica e caráter revisionista de nossos quadros históricos (José Honório Rodrigues).

O primeiro aspecto mostra uma mudança de mentalidade, de concepção da História. Não mais a História Geral, como foi modelo no século XIX. Nada de repetição de um Heinrich Handelman, Francisco Adolfo Varnhagen, Jonh Armitage, ou mesmo e ainda, de um João Ribeiro, já em nosso século. A concepção de uma história vinculada, em todos seus aspectos, a uma nação ou ao universo, a uma concepção de que História não poderia ser "partida" para os enfoques regionais ou particulares, cai por terra, dando lugar a uma interpretação centrada em aspectos relevantes (estruturais ou conjunturais) ou regionais, mostrando sempre o caráter de interligação com a História chamada Geral.

A história de uma nação é sempre reescrita a cada momento ideológico novo na sociedade em questão. Assim é que o caráter das histórias geral ou universal está intrinsecamente conectado com o nacionalismo emergente em tal ou qual país. A Europa, por exemplo disto, no século XIX, principalmente se atentarmos para a produção alemã e francesa, não só de histórias nacionais, bem como da Europa e do mundo em geral. Levando-se em consideração, também, que tal concepção historiográfica partia de uma classe social que havia assumido o Poder: a burguesia. O que não foi o mesmo com o Brasil, pois aqui se tratou de uma manifestação mais nacionalista (ufanista) que político-social, pois ainda não se definia o predomínio absoluto de uma classe dirigente e sua manifestação histórico-ideológica se fazia através de uma entidade pouco burguesa e mais aristocrática, os Institutos Históricos.

Quanto ao caráter revisionista (não cabe aqui o conteúdo político que as esquerdas utilizam entre si, pejorativamente) iniciado por um Capistrano de Abreu e seguido por um Taunay ou Rodolfo Garcia e até pelo José Honório Rodrigues, também define uma mudança de concepção: uma pequena guinada à esquerda dos Institutos Históricos, leva estes historiadores a abandonar o herói como centro da história, a procurar outros planos mal documentados, que não mais a genealogia, a heráldica, o armorial etc. ... Dai a revisão do sertão, por Capistrano; das bandeiras e do café, por Taunay; do processo da Independência, por José Honório; e do enfoque quase monográfico de Rodolfo Garcia sobre a História Administrativa do Brasil.

A revisão, hoje, se afirma como centro do aparelho metodológico-conceitual, mas enriquecido cientificamente através de monografias orientadas pelos cursos de pós-graduação. Os projetos individuais de pesquisa permitem interpretar uma nova concepção e ideologia reinante entre os historiadores, que se sentem mais livres na escolha do assunto e da metodologia. Onde o local assume verdadeiro fascínio na busca da comprovação de certas generalizações (ou

refutações), onde as conjunturas ganham novas interpretações a partir de seu encaixe em estruturas até então deixadas de lado pelos "cronistas" da História. A monografia abre as portas para um sem-número de publicações, não obrigatoriamente de alta tiragem editorial, mas quantidade básica para consultas, uma vez que estas obras têm mais um caráter científico que meramente prosaico.

É bem verdade, que com tal orientação metodológica, os plágios (as célebres cópias, consciente ou inconscientemente, que se faziam de autores já renomados) tendem a diminuir devido à especificidade de cada tema, enquanto que a polêmica torna-se mais objetiva em função de obras paralelas (geralmente de conjunturas) quando se des-cortina toda uma estrutura responsável pela "factualização" da problemática.

A originalidade, pois, não se refere ao tema monográfico, mas a abordagem. Difícilmente pode-se evitar que dois ou mais pesquisadores se encontrem perscrutando o mesmo tema e só uma sincera e honesta comunicação entre eles pode determinar o tipo de enfoque e tratamento que cada um escolheu e vai defender. Para isto é preciso uma abnegação científica e um objetivo ideológico superior às mesquinhas dos pesquisadores de província que acumulam tudo para si, visando muito mais auto-promoção do que mesmo contribuição à interpretação da sociedade.

Além da abordagem, a "revisão/monografia" se atém (e deve) ao caráter de relevância social do tema. A Escola Paulista (Unicamp, USP, Marília, Assis, Presidente Prudente, Cebrap) tem-se revelado um excelente exemplo deste aspecto. O São Paulo é dissecado. A classe operária aparece, o sindicalismo, o trabalho, a consciência política urbana, as camadas médias na República Velha etc. ... etc. ...

Aqui se desdobra o célebre problema: qual o critério para se determinar a relevância de um tema? Ora, a História nunca foi livre de inclinações ideológicas. Mesmo a concepção de "fato" histórico está veiculada de concepção da pequena-burguesia francesa adepta do positivismo. A idéia de transcendência, a uma interpretação metafísica; a luta dos contrários, à dialética e assim por diante. Permanece, pois, para a História este caráter muito pouco científico, porque bastante subjetivo: a teorização da própria História.

Não há, é evidente, nenhuma teoria universal e atemporal, seja em que nível de cientificidade for. Os parâmetros são recriados a cada momento em que uma teoria é posta à prova e, ao fim e ao cabo, fica uma estranha sensação de que cada aparelho conceitual está intrinsecamente ligado a uma classe social, a uma ideologia. A História torna-se a disciplina onde parece haver maior concentração de concepções opostas e antagônicas, visto porque a própria linguagem e a própria visão epistemológica re-sistem ainda a uma objetividade mais ou menos científica. Ou se muda a concepção de ciência ou se deixa que a Historiografia continue a ser um momento ideológico.

PERSPECTIVA

Roberto Aguiar

Herodes

Que diferença faz matar pela espada ou matar por omissão? Que importa mandar matar ou deixar morrer? Herodes está vivo. Não é um vampiro. A cada Natal, ele celebra a morte de Deus. Duzentos e sessenta em cada mil, no Recife. A orgia é a mesma: sangue dos infantes.

Um Deus é a renovação da vida. Cada criança é o Sangue do Espírito. Herodes é a negação. Pela orgia. O nacionalismo dos extremos. Cada Natal é um desafio. Ao fio da espada, à displicência do poder, à negação da vida. Duzentas e sessenta mortes em cada mil vidas no Recife.

Um dia, os cantores, com Hinos de Reis, honraram a Eternidade numa Criança. Herodes, cego da Estrela, sangrou a Vida, para se perpetuar Rei. Negar os romanos, beatificando seu odio, era o seu nacionalismo. Hoje, Herodes é um cadáver vivo, cheirando podre por sobre a vida. Inspirador da omissão. Os cantores, do mesmo modo que antes, são suportados. Herodes não pode encobrir o Brilho da Estrela. Tudo é como sempre.

Herodes é um corajoso. Do medo. Mas, um corajoso. Faz de sua vontade a Lei. Sem justificações. Assume sua Danação sem desculpas. Impera, vergando-se ou matando, pelo êxtase da Ganância. Manda matar. Cobra a cabeça do Profeta numa bandeja para atender o requinte de uma orgia. Manda matar. Mas Herodes não morreu...

A vida desde o Nascimento é uma guerra de Morte. Não há vacilação. A vida é sempre uma Esperança de Triunfo. A Morte mata. Herodes manda Matar. A Morte triunfa em cada vivente sem Esperança. Herodes está vivo. No Natal. Escondido na covardia de sua coragem. Duzentas e sessenta vidas servem de lenha ao fogo da Morte. Em cada mil, no Recife.

Hoje, os Cantores estão presos. Vêm a Estrela e são impedidos de segui-la, por uma espada mais forte que Herodes, que o Corpo de Herodes: é o Espírito de Herodes. A ânsia e o êxtase da Negação da Vida, o espírito de Herodes. Os Cantores foram feitos Mudos, muros. A morte e a Condição da Existência. Não há como negá-lo. Herodes o sabia. O Poder sabe. Não há diferenças.

O Natal tornou-se o Canto de uma esperança de vida. De qualquer vida. Menos da vida de Herodes, este fantasma tão poderoso... Duzentas e sessenta crianças servem de fantasma ao jantar de Herodes, no Recife. Em cada mil. Não há esperança...

Resta, enquanto não vem o desencanto, o Canto do Natal. Um dia os Cantores serão livres. Vendo a Estrela no Mundo inteiro. É a Esperança. Os nacionalistas estão cegos. Herodes comeu os seus olhos. Servem a César convictos de que estão negando a César. E, as crianças morrem. Antes de pronunciarem papai. Duzentas e sessenta em cada mil, no Recife. Herodes está vivo.

Cada nova criança é um novo Filho de Maria. Uma Esperança de Eternidade. Os Reis o sabiam. Os Cantores o sabem. Os Pastores também. Herodes, não. Quer unicamente o Poder. Matar. Mesmo por um capricho de orgia. Herodes são muitos...

Como há de haver fé no Natal? Duzentas e sessenta crianças são servidas na bandeja de Herodes. Antes de dizerem meu Pai. Herodes é cruelíssimo. Mas, é preciso Celebrar o Natal, a cada ano. Mais que antes. A cada instante. A todo instante. É preciso dizer Não a Herodes. A Vida exige ser vivida.

Vamos Celebrar o Natal. Há um Deus em cada Criança e todos somos também manjedouras. Vamos Celebrar o Natal. Cantemos um hino novo ao Senhor.

Seca, um problema superável

Na reunião do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, deste mês, alguns conselheiros ficaram de certa maneira surpreendidos, quando o conferencista, meteorologista Rodolpho Paes Leme Ramos, do Instituto de Atividades Espaciais de São José dos Campos (SP), ao invés de fazer incursões literárias, apresentou um estudo técnico com subsídios capazes de solucionar o problema da seca no Nordeste.

Ele sugere modificação do clima semiárido do Nordeste, através da absorção de energia solar por partículas de carbono. Trata-se, entretanto, de uma experiência que levará cerca de 25 anos. E o financiamento do trabalho? Segundo as estimativas do conferencista, "apesar de caro, o custo será aproximadamente a quarta parte do que a seca de 1970 custou ao Brasil — só em perdas diretas sem considerar as indiretas e sociais".

OPERAÇÃO

O meteorologista explicou como será processado o projeto: "A operação consistirá na queima de hidrocarbonos usando-se petróleo, de modo a produzir, sobre o oceano, conglomerados de nuvens de partículas de carbono, numa área de 40.000 km² e espessura de 500m, com 10% de densidade da área coberta. Esse material foi amplamente pesquisado e testado nos Estados Unidos, tendo sido comprovado como o mais eficaz e econômico. São partículas de carbono, com grande pureza de 95 a 99% de 0,1u de diâmetro, inertes e hidrofóbicas com alto índice de absorção solar.

"Tais nuvens — esclareceu — artificialmente formadas, aquecerão a atmosfera em cerca de 8,0° C na área previamente escolhida, provocando um grande aumento de convecção e evaporação — o que aumentará a quantidade e espessura de nuvens existentes. Essas nuvens e as outras que irão se formando, alimentadas pelas primeiras que se dissolvam, serão levadas pelos ventos (Este, Sudeste, na Região) para o continente, ocasionando precipitação fluvial. Nas regiões secas a precipitação de chuvas ocorrerá naturalmente ou, em alguns casos, poderá ser acelerada pelo processo de nucleação das nuvens — tecnologia que está sendo desenvolvida em outro projeto sobre "modificações do tempo", a cargo do Centro Técnico Aeroespacial".

Para se decidir se convém ou não iniciar a operação de campo propriamente dita, se fará necessário uma criteriosa pesquisa sobre todos os sistemas meteorológicos da Região, bem como o perfeito conhecimento da estrutura e comportamento tridimensional da atmosfera do Nordeste.

Pela importância e atualidade do tema, a conferência prendeu a atenção dos conselheiros e convidados pela coordenação do Seminário de Tropicologia, à frente o escritor Gilberto Freyre.

— Já na II Guerra Mundial o álcool anidro fora utilizado nos motores de explosão. Isto afirmo porque naquela época, quando químico da Usina Nossa Senhora das Maravilhas, em Goiana, eu mesmo fabriquei mais de um milhão de litros de álcool anidro, o qual era enviado em carros-tanques para o Recife e empregado como combustível.

Ao lembrar essa passagem, o professor Jaime Galvão, do Departamento de Química da Universidade Federal de Pernambuco, ratifica, ao lado de outras autoridades no assunto, a possibilidade do álcool vir a ser utilizado como combustível, posto que não restam dúvidas quanto ao aspecto químico, conforme já está sobejamente esclarecido do ponto de vista científico.

Ele explica: "O álcool anidro possui todas as características exigidas de um bom combustível, não sendo, em absoluto, novidade para mim. Contudo, é necessário apenas uma pequena regulação no motor do carro, a fim de que possa queimar o álcool. Usado como pretende, acertadamente, o Governo Federal, em mistura com o derivado do petróleo, vem contribuir beneficamente para o fortalecimento de nossa economia".

Demora

O professor Galvão diz não ter sido surpresa para ele a iniciativa do Governo, quanto ao aproveitamento do álcool como combustível. "A surpresa", acrescentou, "foi ter demorado tanto a adoção dessa política".

A exemplo do professor Galvão, outras autoridades, inclusive políticas, manifestaram-se sobre o assunto, e todas elas são unânimes em estranhar tal demora, já que, há vários anos, se tinha experimentado quimicamente a validade do álcool como combustível.

Para o senador Teotônio Vilela, da Arena alagoana, nós só costumamos experimentar aquilo que outras nações já experimentaram. Numa longa e lúcida entrevista ao semanário *O Pasquim*, Vilela afirmou que o Brasil tem condições de ser auto-suficiente em álcool, não só para os automóveis, mas também para o transporte pesado, os motores diesel, os ônibus.

Entusiasmado, o senador arenista — que é usineiro — fala das experiências desenvolvidas no Centro de Estudos Automobilísticos de São José dos Campos, São Paulo, onde se pratica, segundo ele, a tecnologia mais aperfeiçoada do mundo em motores. "Os países civilizados do mundo ocidental não se interessam pelo álcool porque não podem produzi-lo", assegura Vilela. Na realidade, desde 1973, o senador vem se batendo, no Senado, pela utilização do álcool para substituir a gasolina. Entrevistado pela revista *Veja*, ele disse: "Eu tenho procurado defender, no Senado, duas teses importantíssimas para a nação: a defesa da democracia como regime político ideal para o país e a defesa de um programa alcooleiro que no meu entender é o ponto alto para a solução dos nossos problemas sócio-econômicos".

Enfim, o álcool

Mas o Governo percebeu que a política de controle do consumo da gasolina pelo aumento de seu preço não estava dando em nada. E recorreu ao álcool anidro. Por outro lado, a oportuna medida governamental trouxe à tona o importante Centro de Estudos Automobilísticos de São José dos Campos. Com efeito, no mesmo dia em que o Ministro Shigeaki Ueki das Minas e energia, admitia que o Brasil seria forçado a racionar combustível caso ocorresse sensível modificação na política dos fornecedores brasileiros, o Centro

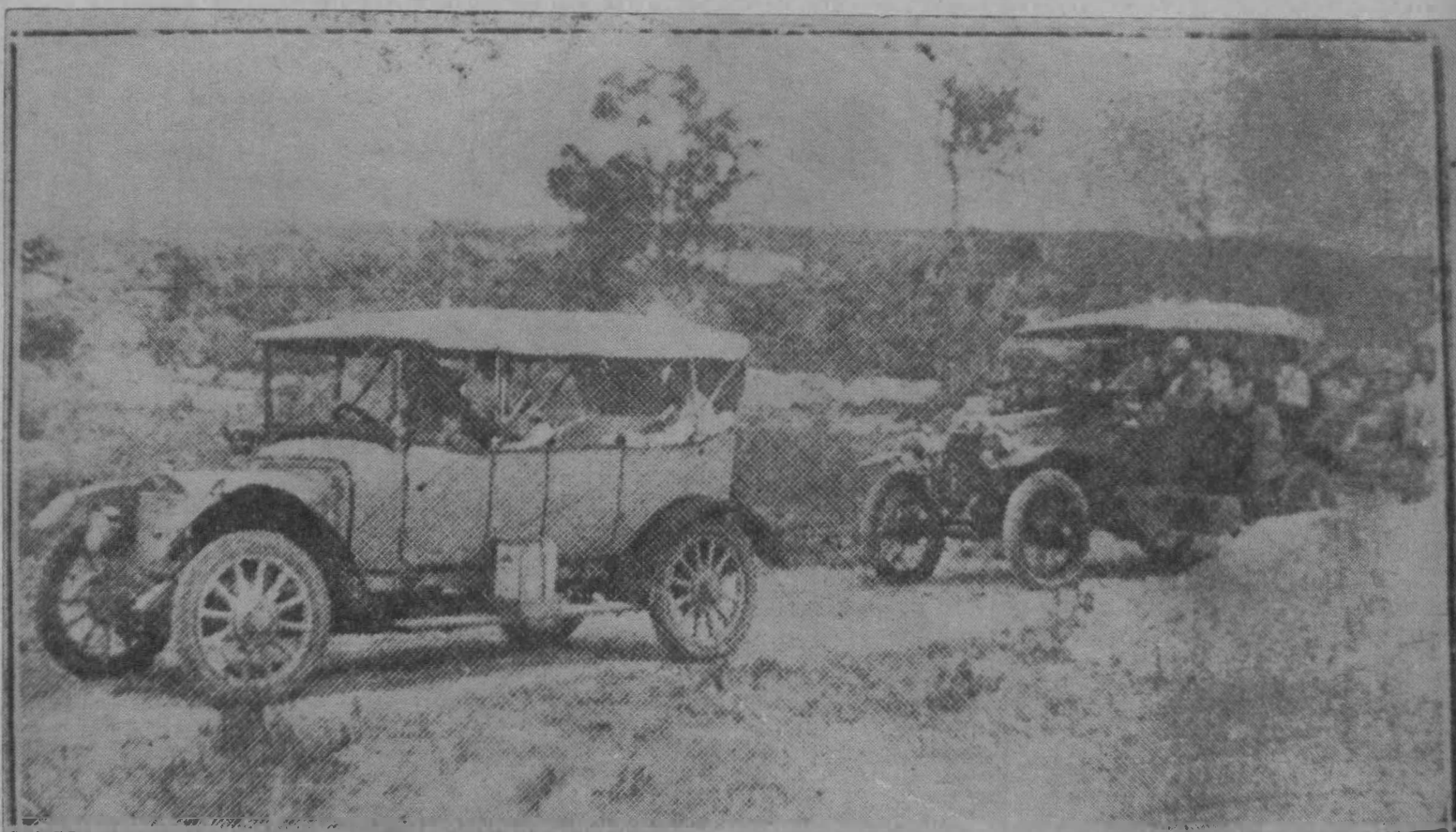
preparava três carros para uma longa viagem de 8.000 quilômetros, de ida e volta a Manaus, com seus motores movidos por álcool.

O sucesso foi total. Mais os técnicos acreditam que o circuito de integração nacional por veículos a álcool não representa apenas uma viagem de testes. Para o engenheiro Urbano Stumpf, do Centro de Estudos Automobilísticos de São José dos Campos, é necessário "conscientizar a população para as possibilidades evidentes do uso do álcool".

Para a execução do Programa Nacional do Alcool não existem problemas técnicos. Mas falta produção suficiente, por enquanto. Contudo, as fábricas já desenvolvem experiências altamente promissoras. A Chrysler, Volkswagen, General Motors e Fiat fazem testes avançados com o uso do álcool puro como combustível. A Ford, por exemplo, espera uma ordem do Governo para mudar os seus motores e diz que a mudança da gasolina para o álcool não oferece problemas técnicos. As indústrias automobilísticas sabem que o álcool virá — e, conscientemente, defendem o seu uso.

A própria Fiat mineira testa atualmente quatro carros totalmente movidos a álcool. Dis o seu diretor industrial: "Trata-se de uma experiência curiosa. Se um deles fosse colocado no mercado agora, o cliente não encontraria diferença no seu desempenho". Garante ele que a potência ficou até um pouco melhor devido à nova taxa de compressão exigida pelo álcool. E se os testes indicam um consumo 30% superior ao da gasolina, a despesa final seria inferior: o litro de álcool utilizado custa 2 cruzeiros, menos da metade do preço atual da gasolina.

ÁLCOOL JÁ FOI TESTADO COMO COMBUSTÍVEL EM PERNAMBUCO DESDE 1945



F) Automoveis na estrada de rodagem de Pedra

O Prorgama Nacional do Alcool prevê um acréscimo de 5 bilhões de litros anuais de álcool a partir de 1980 — um formidável aumento se for levado em conta o fato de que a produção deste ano somará apenas 800 milhões. Os técnicos governamentais estão tão satisfeitos que, no Ministério da Indústria e do Comércio, já se imagina a substituição total da gasolina. Ainda por cima, há uma outra ultra-favorável perspectiva: o álcool, sendo antidetonante, prescinde do venenoso chumbo tetraetil usado na gasolina. E oferece uma combustão muito mais completa (95% contra 70% da gasolina), destilando pela escapamento apenas vapor em vez de partículas químicas.

Idéia antiga

Já na primeira metade do século, a idéia de utilizar o álcool como combustível era tida como essencial à economia brasileira. Sim, pois em 1924 foram feitos os primeiros estudos para o uso do álcool como combustível substituto por determinação do ministro da Agricultura Miguel Calmon du Pin e Almeida. Sete anos depois, com o avanço das pesquisas, o governo achou que tinha condições de obrigar as empresas importadoras de petróleo a comprarem pelo menos 5% de álcool sobre os volumes de gasolina.

No ano seguinte, 1932, a campanha do álcool-motor levou à adoção de uma mistura de 40%. Mas não deu certo. Então, pensou-se logo na fabricação de álcool anidro e a mistura nunca mais foi abandonada.

Visionários

Para os velhos engenheiros Eduardo Sabino de Oliveira e Lauro de Barros Siciliano, a transformação do álcool em

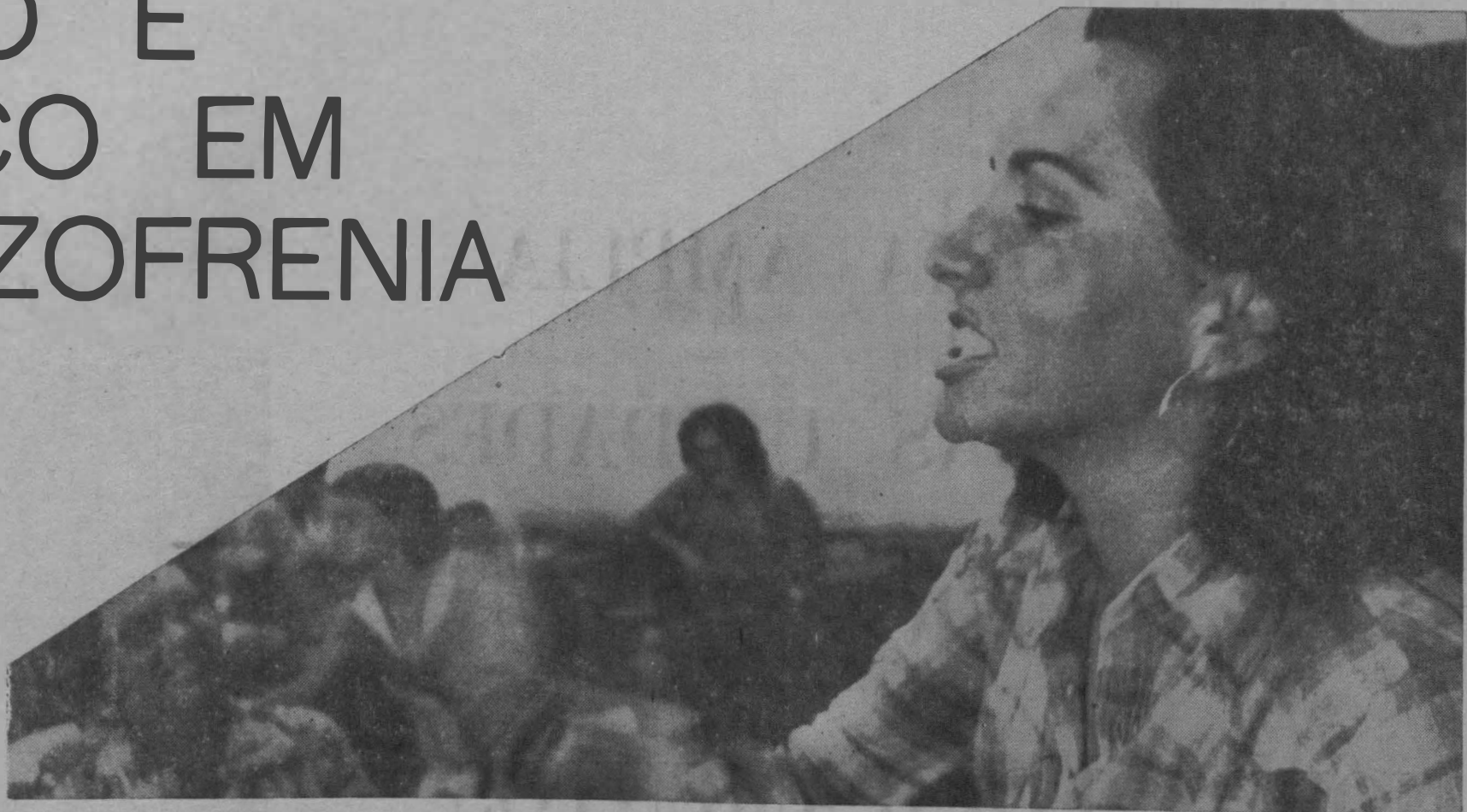
combustível possui um significado todo especial. Nas décadas de 30 e 40, ambos escreveram uma porção de livros e brochuras sobre as vantagens do motor a álcool. E, depois de um longo, injusto esquecimento, Sabino de Oliveira e Barros Siciliano voltam a ser lembrados. Seus textos, impressos em papel de segunda categoria, são manuseados pelos técnicos do Centro de Estudos Automobilísticos de São José dos Campos.

Antes encarados como autênticos visionários, hoje, com o país cuidando depressa em se ajustar à nova realidade imposta pelo encarecimento dos combustíveis, os dois engenheiros estão tão satisfeitos. Reforçando ainda mais a idéia de que o motor a álcool constitui uma urgente necessidade, Sabino de Oliveira costuma lembrar uma declaração de Granham Bell, o inventor do telefone: "O consumo mundial do petróleo se tornou tão grande que não resta suprimento para mais do que algumas gerações. A solução é o álcool, um combustível limpo e perfeito".

Sabino de Oliveira está torcendo para que "toda essa euforia do álcool não pare nos 20%. Eu comecei a ouvir isso e fiquei aborrecido porque achava que desta vez o negócio iria para a frente. O governo deve aproveitar a oportunidade e partir para um plano mais ambicioso. Que dentro de alguns anos permita que nossos carros funcionem apenas com álcool".

Barros Siciliano afirma que o álcool é o primo-irmão da gasolina. "Um combustível que tem as mesmas características do petróleo e cuja utilização só oferece vantagens", diz ele, acrescentando que, "para ser queimado puro ou misturado à gasolina numa proporção superior à 20%, exige apenas algumas modificações no motor".

TEMPO E ESPAÇO EM ESQUIZOFRENIA



"Tempo e Espaço em Esquizofrenia" — é o título da tese com a qual a Professora Ana Lúcia Portela de Oliveira obteve o grau de mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no início deste ano. Estabelece uma vinculação íntima entre espaço e tempo vividos, à luz de mais de cem pesquisas em casos concretos, com esquizofrênicos, tanto no Recife como no Rio de Janeiro.

A Professora Ana Lúcia veio à Capital pernambucana para ministrar um curso na Faculdade de Filosofia do Recife, a convite da direção deste centro.

A Tese

"O objetivo da minha tese — explica — centrada na fenomenologia e na antropologia existencial, é mostrar a importância do tempo e do espaço vividos na Esquizofrenia.

Por que tempo e espaço? Formas a priori da sensibilidade no pensar kantiano. Por que na Esquizofrenia? Schizo, cisão, Frenia, mente. Por que tempo e espaço na cisão da mente? O que é tempo? Quantos tempos existem? De que tempo estamos falando? Por que espaço? Onde nos situamos em relação ao Espaço? Será o espaço homogêneo ou heterogêneo? Será que Tempo e

Espaço estão realmente perturbados na Esquizofrenia?

Nosso primeiro contacto com pacientes esquizofrênicos não nos levou diretamente a todas estas indagações. A Esquizofrenia nos parecia inatingível. Nossa comunicação com os pacientes era difícil, faltava-nos a linguagem própria.

A idéia desta tese começou em 1968 quando estudava e estagiava no Hospital de Alienados de Pernambuco. Interessava-me particularmente pela Esquizofrenia no diagnóstico formal feito por Kurt Schneider e Eugen Bleuler. Ora o diagnóstico formal mostrava apenas o que estava explícito, dentro da desorganização das fissuras da vida mental dos pacientes e isto não nos bastava.

A primeira resposta não nos foi dada pelos livros, mas pelas próprias pacientes. Uma delas afirmava: "Nada mais acontece, tudo parou, nem eu mais vivo. Sinto que meu coração não bate. Ele parou como meus braços que são de vidro. Por que eles estão levantados? Por que a porta bateu? Não sei se hoje é ontem". A profundidade da perturbação do tempo desta paciente tão realmente *verbalizada*, verbo (Zelwort, palavra do tempo, em alemão), impressionou-nos e mostrou a lógica do fato. Se

houvesse uma real perturbação do Tempo na Esquizofrenia, a estranheza do estar esquizofrênico poderia ser melhor compreendida. Por outro lado é característico da Esquizofrenia estar o paciente orientado no Tempo e no Espaço. Eugen Bleuler fala de uma dupla orientação, fato que será retomado por Karl Jaspers em sua Psicologia Geral. O paciente encontra-se orientado no Tempo/horário e no Espaço/fisco, sabe o dia, o mês, o ano mas pode dizer, pouco depois, que está em 1812, na Corte do Rei, quando havia nomeado o lugar em que se encontrava, corretamente.

Sobre o Espaço vejamos o que outra paciente afirmava: "tudo vai cair, está caindo. É tudo apertado, tão pequeno que não me cabe. As paredes da sala estão se juntando. Nada me cabe, tudo apertado" e se acocorava no chão, encolhida para poder caber na sala cujas paredes a comprimiam. Este nítido transtorno do Espaço, com perda das dimensões, mostrou-nos na prática que Tempo e Espaço, inderiváveis e originais, estão sempre interligados. A estes dois casos foram se juntando outros e finalmente chegamos a cem casos que usaremos como amostra para este trabalho.

Ana Lúcia prosseguiu falando sobre sua tese da qual destacamos alguns trechos:

"Não consigo entender mais nada. Andei e perdi o caminho. Onde está o caminho? Já perguntei às estrelas e o Rádio da França respondeu. Andei, Hoje é segunda-feira e Amanhã é domingo" (palavras de uma enferma)

A Esquizofrenia como *doença mental*, teatro do horror, cisão da mente, perda do contacto vital com a realidade, possui como conteúdo todo um vivenciar de *significados estranhos e subletrados* ligados, subordinados, moldados por profundos transtornos do Tempo e do Espaço Vividos. Com a consciência lúcida e, muitas vezes orientadas no Espaço Físico e no Tempo Horário, esquizofrênico na angústia do desconhecimento dentro de si mesmo, vivencia a vida como uma peça de cenas únicas, originais, desligadas desreais e tenta desesperadamente integrá-las em uma temática que lhe assegure a Normalidade. O que se passa na Esquizofrenia é que o paciente tem absoluta consciência de tudo. Das transformações do seu corpo, das vozes que lhe falam, que acompanham, das pessoas que lhe perseguem, dos seus olhos e de mil olhos que o olham das paredes, dos buracos das fechaduras, do céu e do inferno, do chão, da terra, do Vazio. Sente que seus intestinos estão cheios de papel, que suas mãos são de vidro, que seu rosto foi perdido em algum espelho e tomado pela Serpente e pelo Cururu. E ali está o enfermo o mais sozinho de toda a criação, porque ele perdeu até o direito de ter sua própria Solidão, pois sua solidão não é mais sua, é a solidão do Outro. O Outro que o invade lentamente, progressivamente e vai crescendo dentro de si mesmo, como o Inimigo, e tomando posse de seus pensamentos, sentimentos, percepções. Então perdido, sozinho, estranho, ameaçado ele se torna Onipotente, Imortal, Onisciente. É a defesa do Pe-

rligo, do medo total, do Medo Maior da Perda de Si Mesmo. O Medo do Ontem que traz toda uma bagagem de fatos que foram seus, de situações produzidas por ele, o medo do Hoje e do Amanhã. Mas por que ter medo do Ontem, do Hoje e do Amanhã? Por que realmente o que é Ontem, o que é Hoje ou Amanhã? Ele talvez nem mesmo saiba o que é Hoje. O Hoje pode ser uma árvore, ou os trovões, que lhe falam, o Hoje salu em abstração, sumiu em algum Espaço que repentinamente foi criado. O Hoje talvez seja uma pedra que está no parque, ou no Olho do Pelé.

Será que, realmente podemos caracterizar o conteúdo da doença, sem falar no Tempo e no Espaço, onipresentes no sensorial, sem os quais nenhum fato pode ser apreendido pela percepção humana, lógica e intrinsecamente ligadas a toda experiência de vida?

Escreve o grande Sá Carneiro em sua doença:

"Eis como, pouco a pouco, [se me foca]

A obsessão débil dum [sorriso]

Que espelhos vagos [refletiram...]

Leve inflexão a sinusar... [resvalantes]

Fino arreple cristalizado... [fantasmas]

Inatingível deslocamento... [fantasmas]

Veloz faúlha atmosférica... [fantasmas]

E tudo, tudo assim me é [conduzido no espaço]

Por inúmeras intersecções [de planos]

Múltiplos, livres, [resvalantes]

É lá, no grande Espelho de [fantasmas]

Que ondula e se entregolfa [fantasmas]

[todo o meu passado,

Se desmorona o meu [presente,

É o meu futuro é já [poeira...]

(38. 135)

Ora, Tempo e Espaço são os instrumentos usados na evolução da doença para fender, partir, fragmentar, distanciar tudo que é lógico, racional, que liga o real individual ao real público. Mesmo que esteja orientado no

Tempo Horário e Espaço Físico, nada mostra que ele também está orientado em outros tempos e outros Espaços. O fenômeno da dupla orientação é muito antigo na Psicopatologia. O próprio Wetzel destaca a dupla orientação quando se refere a decadência ou ruína do mundo, que é experimentada pelo enfermo como uma etapa de transição. "Deus vem ao mundo. Apresenta-se o Tempo dos primeiros cristãos. O período do mundo retrocede".

(cit P/Jaspers 23. 348)

Em sua Pequena Psiquiatria Van den Berg apresenta um quadro com sintomas da esquizofrenia plenamente desenvolvido e um deles é a perturbação na Vivência do Tempo:

"Para muitos pacientes esquizofrênicos, particularmente para os pacientes que são portadores de defeito esquizofrênico o Tempo não corre mais, o paciente vive em outro Tempo que não vai tão ligeiro ou está até parado. Se alguém lhe pergunta em que ano estamos é possível que ele mencione o ano em que ficou doente. E a partir desta Perturbação de Tempo que muitas coisas se compreendem ou pelo menos se podem explicar".

(44. 57)

Minkowski em todos os seus trabalhos acerca da perda do controle vital com a realidade, Schizofrenia não somente utiliza o Tempo e o Espaço como referenciais para a compreensão da doença, mas enfoca a essencialidade destes transtornos para a sua compreensão. Jaspers quando em sua Psicologia Compreensiva fala do Mundo Esquizofrênico refere a dimensão cósmica do Tempo, este experienciar que caracteriza o Sentimento de Abrangência onde milhões de anos são vividos e todos os Espaços tocados. Binswanger em "la Existencia" salienta que o mundo do esquizofrênico ou "projeto de mundo" é algo fabricado pela doença,

determinado por ela em um novo Espaço, já que os Espaços anteriores desaparecem.

"Contudo, o "mundo" não significa somente a formação do mundo ou seu plano traçado de antemão e sim também à forma do ser-no-mundo e a atitude para o mundo — a base do croquis prévio e da imagem modelo — Assim a transformação de um mundo etéreo em um mundo sepulcral poderia estabelecer-se também na mudança operada entre a existência de uma ave que levanta vôo alegremente às alturas e a existência de uma larva arrastando-se às cegas e lentamente sobre o barro".

(5. 239)

Dizer que as perturbações do Tempo e do Espaço são neutras na Esquizofrenia é esvaziá-la do seu simbolismo, do seu conteúdo onírico. A loucura é para nós antes de tudo um fenômeno biográfico, algo que acontece dentro do círculo vital, entre o nascimento e a morte. Quando falamos em doença mental obviamente falamos em diagnóstico pluridimensional. Não podemos ver a doença como uma entidade fora de qualquer contacto social, sendo a pessoa humana um fenômeno bio-psico-social. Impossível analisarmos a Figura, sem ver a estrutura do Fundo, a Circunferência, sem o Círculo, o Tempo sem o Espaço. O importante na doença mental não é a rotulação da doença, não somente o conhecimento dos sintomas que o pobre paciente apresenta em toda a sua Angústia, pela invasão de sua Existência. O que realmente é importante é a compreensão dela. É encontrar o caminho para se compreender melhor o porquê de tudo, tão estranho e único. É ficar ao lado do paciente sabendo porque ele entrou no Poço e desceu até o fundo na mais completa escuridão, com todos os seus medos, suas angústias e ficou lá no fundo sem poder sair vendo o nosso mun-

do de baixo, do Círculo do Medo que se fechou sobre ele, encerrado no Poço criado pela doença, como alguma coisa profundamente vertical em relação ao real.

A nossa explicação tem nos dado uma enorme facilidade no trabalho com esquizofrênicos. Tentando chegar até ele através do Tempo e do Espaço, tentando compreender a criação de outros tempos e espaços, ficamos muito mais próximos. Nossa comunicação tornou-se mais fácil porque sentimos que uma porta foi aberta, um caminho começa a ser trilhado. Um caminho que nos foi dado por eles, por cada um destes cem pacientes que examinamos neste trabalho.

Na parte prática muita coisa foi observada. Concluímos então que as Perturbações do Tempo e do Espaço existem na Esquizofrenia. Não somente existem mas são essenciais à compreensão do conteúdo da doença.

Muitas vezes, as Perturbações do Tempo e do Espaço chegam a modelar a forma da Esquizofrenia como no caso da Catatonía, onde o Desabamento do Espaço era vivenciado por mais de 65% dos pacientes.

Estas Perturbações de Tempo e Espaço são muitas vezes tão intensas, que os próprios pacientes verbalizam o estranho da situação. Dos nossos cem pacientes, cinquenta e seis verbalizaram a estranheza da perturbação.

Esquizofrênicos Paranoídes e Parafrênicos, usam com frequência a Infinitude do Tempo e a Vivência da Imortalidade. O Sentimento de Abrangência e a Vivência da Onipotência aparecem predominantemente nestas formas.

As Perturbações do Espaço mostram a dificuldade dos pacientes em se localizarem em relação a si próprio. É a quebra da relação dos três mundos: Umwelt, Milwelt, Eigenwelt.

Outro fenômeno observado é o tempo que perde a sua abstratidade e é vivenciado como concreto, é descrito como concreto,

tocável, objetivado, transformado em alguma coisa.

O Trema é sempre o estágio inicial da doença, com toda a sua tensão inicial, e o desenvolvimento da angústia. É o único do cataclismo, do terremoto da vida mental.

A despersonalização, a perda da própria pessoa é profundamente vivenciada pelo paciente sempre em termos de Tempo e Espaço. É como dissemos no início o ator do qual tiraram o rosto e deixaram a Máscara. Máscara que não somente mascara o antigo rosto, mas que o encarna, que adere ao pescoço como uma coisa viva, e vai tomando todo o corpo como a metamorfose do ser-no-pó. É um bloco de argila, Vazio, experimentando o Vazio, dentro do Vazio, em outro Cosmos, com outros condicionamentos. E a racionalidade que sai em termos de fragmentos no curso do pensamento. E a afetividade que se dilui, a linguagem que borbulha cheia de significados sem significados, distância entre a Língua e a Parole.

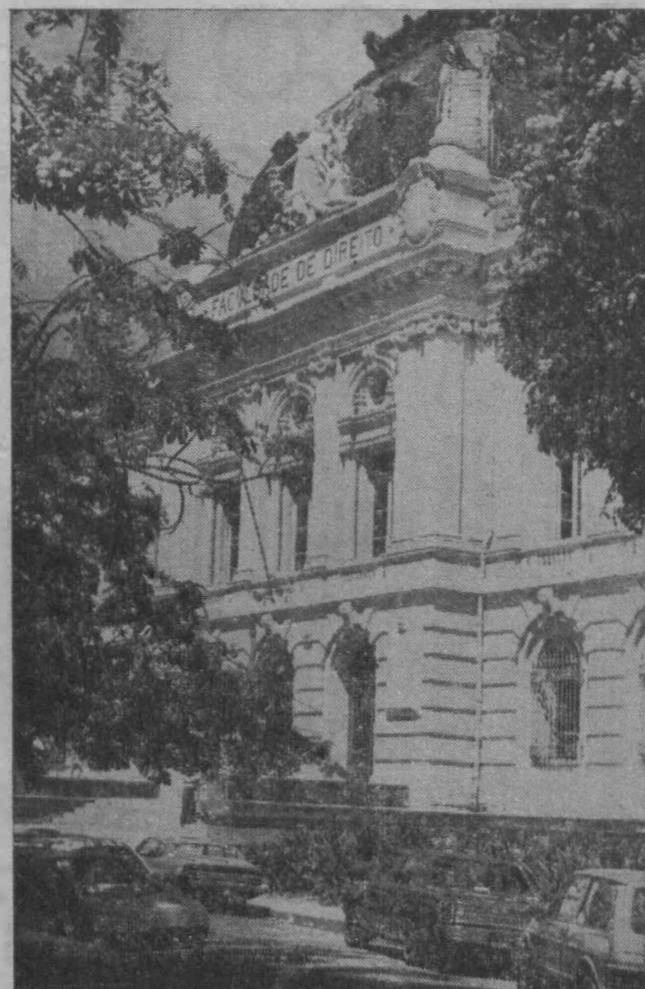
"Sai de casa... O trem azul 1 2 3 4 x1 No caso, o papel 14, 15, 16 + 4 ? O carroção da lixo, o vestido de noiva pegou fogo. É de capim. Sandália japonesa lá no buraco saiu no cano. Vou se embora, vou se embora. Não sei onde Estou (Palavras de uma enferma)

Esta enferma dizia tudo isto, andando pela sala de um lado para o outro. Despenteadas, descalças, rasgadas, andava de lá para cá, sempre falando, desagregada. Há vinte anos que estava internada, toda uma Existência dentro das grades duplas do asilo e da própria doença, uma Hebrefernia já bastante crônica. O andar da paciente, sua expressão vazia, suas palavras sem sentido e com uma única significação, um único grito:

"Não sei onde estou".

Será que o Tempo e o Espaço não estão perturbados na Esquizofrenia?

PRÓ-REITORIA AMPLIA ACERVO DAS UNIDADES COM AQUISIÇÃO DE NOVOS EQUIPAMENTOS



Restauração e pintura do histórico edifício da Faculdade de Direito, uma das providências da Pró-Reitoria de Apoio Administrativo, preparando-a para as comemorações de Sesquicentenário.



Dr. Rubens de Souza, braço forte à administração da UFPE.

A Pró-Reitoria de Apoio Administrativo, criada em agosto último, vem desenvolvendo intensas atividades, uma vez que dela dependem e estão sob sua responsabilidade os Departamentos de Contabilidade e Finanças, Departamento de Pessoal, o Departamento de Administração e a Prefeitura da Cidade Universitária.

Seu titular, Dr. Rubens de Souza, vem adquirindo os equipamentos indispensáveis ao bom funcionamento dos diversos centros e órgãos suplementares da Universidade. Na área de saúde, por exemplo, foi adquirida uma bomba cardíaca e seus acessórios, um micrótomo e um cistorestorcópio.

Faculdade de Direito

Para as comemorações dos 150 anos da Faculdade de Direito, a Pró-Reitoria de Apoio Administrativo vem providenciando a restauração do seu acervo: móveis antigos, quadros, lustres e espelhos.

O tradicional carrilhão da velha Faculdade voltará a pautar a vida do recifense, pois, restaurado, tocará as horas e os quartos

de horas, como antigamente. Fachada e interiores serão pintados assim como restauradas as esquadrias.

Enquadramento de Pessoal

Esteve a cargo da Pró-Reitoria o enquadramento do pessoal estatutário, dos docentes e dos funcionários CLT da Universidade.

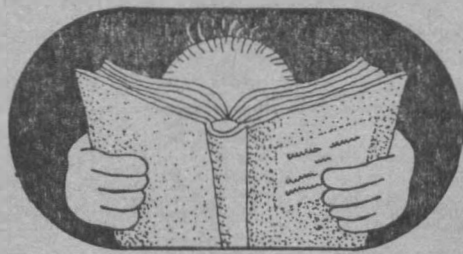
Artes e Comunicação

O novo Centro de Artes e Comunicação, recentemente inaugurado, teve grande parte de seu material de uso permanente adquirido pela Pró-Reitoria de Apoio Administrativo. O mesmo se deu com o Centro de Educação.

O Pró-Reitor tem procurado atender, de maneira equitativa a todos os órgãos da Universidade e da própria Reitoria.

Apoio à Prefeitura

A limpeza e conservação do campus universitário tem merecido empenho da Prefeitura. Já foi liberada a verba para a construção de grande extensão de calçadas a fim de facilitar a circulação interna de alunos e de professores.



Dois pintores: Aluisio Braga e Marcos Cordeiro



O PINTOR ALUÍSIO BRAGA ENCONTRA-SE NUMA NOVA FASE DE SUA PINTURA, ACRESCENTANDO À CARACTERÍSTICA LINHA ONÍRICA DE SUA ARTE, ASPECTOS INTEIRAMENTE NOVOS COMO A INTRUSÃO DA FIGURA DO HOMEM, EM TRAJES MODERNOS, AO LADO DE FORMAS DO SEU ESTRANHO MUNDO PICTÓRICO.

MARCOS CORDEIRO



Pernambucano de Sertânia, pintor, ceramista e cenógrafo além de escrever contos, crônicas e crítica cinematográfica.

Da sua atividade principal que é a pintura, já participou de várias coletivas em Recife, Natal, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e diversas cidades do interior do Brasil, como também nos EE. UU.

Acaba de receber recentemente o 1.º Prêmio de Pintura no Salão Oficial de Artes do Estado de Pernambuco, prêmio mais importante em termos de pintura do Estado.

Participou também dos III e IV Salão de Verão da Guanabara no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. II Salão Global de Pernambuco — Prêmio Ministério de Educação e Cultura em Pintura. II Salão das Madonas do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco — 2.º Prêmio de Pintura. Sua pintura e



desenho, como também seus murais são figurativos onde a figura humana é o destaque principal. Partindo de uma realidade profundamente identificada com a sua terra no alto sertão do Moxotó, como também com a realidade incível das grandes cidades como Recife etc. Se identifica

também com o pessoal da geração de 65: Ângelo Monteiro, Alberto Cunha Melo, José Mário Rodrigues e Jacy Bezerra. Partindo de poemas de Jacy Bezerra, realizou vários desenhos / pintura que se constituem numa de suas melhores fases, cujos trabalhos recebem o nome de ELEGIAS JACYANAS.

De uma conversa com Maximiano Campos
ALBERTO CUNHA MELO

Homens e estrelas somos
pedaços de um deus
dispersos no espaço.
Quando seremos
um deus inteiro,
um animal
grande e imprevisível
para si mesmo?
Todas as coisas
têm fome de fazer-se
massa única e tranquila
que viva e cante
para si mesma,
mas se dividem
e multiplicam
mais ainda
no caminho
da sonhada unidade.

Retorno
LAÉRCIO DE VASCONCELOS

Volto para a poesia
como quem volta para casa,
O coração cheio de cicatrizes
que o tempo, a espera e o amor
foram rasgando lentamente.
O meu corpo sem pureza
(com o que me resta de sacrifício
em meu nome e dos meus sonhos)
entregarei ao mar
que sempre foi meu leito.
E o destino que se cumpre
nas linhas das minhas mãos.

Soneto do Plasmar Estranho
JOSÉ MONTENEGRO CAVALCANTE

Vou consagrar-me às coisas que a aventura
houver de estimular, pois que pressinto
que um tempo de labor bem mais fecundo
está para crescer ao que eu for sendo.

Vou ser dum palmilhar que me renove
dos atos que eu viver, enquanto o mundo
deixar que eu lhe prossiga o essencial
do que dever ser canto em força e ardor.

Tenho de transformar o ser que paire
no oculto acontecer de meus intentos,
se quero estar adulto para a vida.

Também devo saber do quanto exista
de poetar tão alto, que os extremos
terão de suceder no que eu plasmar.



Para um escultor da estirpe de Fernando
Lopes da Paz, a madeira não é um simples material
utilizável na sua criação artística.
Quando ele entra pela mata e,
entre milhares de vegetais,
de repente pára e contempla uma jaqueira,
começa aí, neste momento, uma comunicação,
uma identificação entre eles,
e logo são desenhados os primeiros traços de mais uma
obra da já firmada peregrinação
artística de Fernando Lopes da Paz.

Carta a um poeta quase adolescente

MARIA DA PAZ RIBEIRO

PEDRO NICACIO:

Nas "Cartas a um jovem Poeta", Rilke dá alguns conselhos essenciais ao exercício da poesia. A muitos poderão parecer superados e até despropositados aqueles conselhos. O poeta das cartas faz afirmações desconcertantes como: "Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade".

No contexto das cartas — e é preciso parar para lê-las — a palavra necessidade possui uma conotação existencial que nos remete para aspectos da vida praticamente desconhecidos pelo homem de hoje: homem urbano, condicionado a um tempo mecânico, não vital — o tempo cronométrico.

Necessidade, no caso, seria a pressão não de algo só exterior (o que não funciona em matéria de arte, porque esta não se faz só com boas intenções) mas também de uma espécie de urgência de acontecer.

Afinal o que é que concorre para uma semente vir a ser árvore, senão sua própria latência, à espera do chão, da chuva, do sol, do próprio tempo? Para Rilke o poeta carrega um mundo, não de revolta e frustração (não confundir com passividade ou alienação) mas sim de dor — a dor da busca — de espera, de paciência, de liberdade.

Embora diga palavras como: "Não há senão um caminho: procure entrar em si mesmo", natural do poeta lírico, não se trata de isolar-se para "segregar" um mundo exclusivamente pessoal, mas sim de aguçar sentidos, memória, sensibilidade e tudo o que compõe um homem, e partir daí para o passo seguinte: "aproxime-se então da natureza. Depois procure, como se fosse o primeiro homem, dizer o que vê, vive, ama e perde".

Mas quem é que se lembra ou tem necessidade de por-se em sintonia com o tempo das frutas e das flores: mangas, cajus, acácias, flamboyants? Quem daria a prisão do vídeo, sedentária mudez forçada pelo convívio com o interlocutor impessoal, em troca da liberdade da solidão frente ao mar ou entre as árvores; liberdade de quem caminha passo a passo, ombro a ombro com o seu próprio tempo interior?

A verdade é que, para muitos — a

maioria — não existe tempo interior nenhum. Existe apenas um rumor de máquinas mastigando olhares, sorriso, palavras que seriam ditas com a certeza da chuva caindo em horas caladas da noite.

Não seríamos loucos, seríamos até extremamente lúcidos se saíssemos correndo pelas ruas a gritar: mataram o tempo! Não é mais possível respirar, enterraram o tempo.

No entanto as árvores estão aí. As mangueiras, os cajueiros, as castanholas, as acácias estão aí. Quem se lembrará de aprender com elas — essas coisas tão nossas, já que estão aí, parte do nosso universo familiar — a silenciosa lição de ser?

Você já notou como a palavra compromisso — espécie de pânico de ficar, que esvazia os minutos desgarrados das atividades de rotina (sem excluir a rotina sentimental) — funciona como um antidoto mortal à liberdade de criar o amor, não como um pássaro engaiolado, mas como o voo enraizado no horizonte?

Lendo os teus poemas consegui identificar neles a busca de expressão de um universo lírico que vai além do puramente pessoal ou que não alcança repercussão humana universal por não conseguir instaurar o salto entre o especificamente meu (demasiada proximidade entre o eu poeta e o objeto: esta tristeza, esta alegria, esta dúvida) e a coisa existente por si, desposuída.

Ler os teus poemas foi, para mim, uma viagem, e que me trouxe, como prêmio, a descoberta de duas coisas essenciais: a infância e a natureza.

Embora sendo ainda tão jovem, tão recentemente saído da infância, destilas já de tua poesia um tempo interior que é, em cada homem, aquela aura que envolve as coisas vividas em um clima de solidão (não aquela solidão menor que exclui o homem como presença indispensável ao exercício da comunicação, restando só o eu enquanto expressão menor, porque empobrecida e mesquinha) aquela solidão anunciada por Rilke, atmosfera em que se gera o poeta, o homem. Solidão que é impossibilidade de estabelecer uma aparência de comunhão a partir de coisas que só servem para criar um círculo

fechado — prisão — em torno de quem quer que a pratique. Impossibilidade que implica, por sua vez, numa feroz procura do coração tanto das coisas como das pessoas, da vida enfim.

A prova de tua vocação lírica está em que, não obstante os despedaçamentos interiores (seria mais exato dizer exteriores) de que não nos podemos livrar, te decides sempre pela beleza, nunca pela "dor de cotovelo" dos derrotados da vida, que são justamente por recusarem — ou nunca terem conhecido — o desconforto da procura, preço a ser pago pelo exercício de ser através do fazer, e não do deixar-se fazer.

As palavras de Rilke: "Eis porque deve fugir dos motivos gerais para aqueles que a sua própria existência cotidiana lhe oferece; relate suas mágoas e seus desejos, seus pensamentos passageiros, sua fé em qualquer beleza — relate tudo isto com íntima e humilde sinceridade. Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças", fizeram-me lembrar os teus poemas CHUVA e GLYCIA, ambos brotados do remoto país da infância. CHUVA, além de uma sucessão de imagens cinematográficas tão de acordo com a tua maneira de conceber a realidade, é o próprio ritmo da chuva desatada, acontecendo em versos curtos, cotados, sem pontuação:

A chuva/ legou-me/ tempo de perfumes/ tanajuras/ abóboras-telhados/ enormes barcos/ de papel/ tomam/ minha janela/ deslizam pela/ sarjeta/ margem-calçada/ barranco // — um tempo/ muito antigo/ busca corações/ que o retenham/ e arrebatem/ tempo desfolhado/ pelo fruto/ inverno resultado/ pulsando ainda/ nas veias dos/ antigos caules/ tempo de perfumes/ que legou-me/ a chuva/ em inércia rápida/ (será possível/ criar pássaros/ numa redoma?) // tempo/ de saudade/ erguido/ verde vale/ na folha seca/ e lagartas/ de fogo // (será possível/ uma chuva/ de pranto?) // mistérios/ da noite/ vencidos/ prato/ de alface/ negro // entorpecido/ pela lembrança/ dos perfumes trazidos pela/ água/ volátil/ balão/ passado/ na sala/ estou/ com núvens/ entre os dedos.

GLYCIA é o desenterrar da infância, num ritmo veloz, como se de um fôlego, como se existisse o medo de agarrar as imagens em fuga, já que o tempo cronológico

co, exterior, não é ainda suficiente para a completa sedimentação, e as coisas são ainda como peixes fugitivos movendo-se no fundo do tanque. Glycia/glicose flor nas veias/gota de oceano/que o coração faz/bater/mar que me banha/vinte e três anos e/seca-me na súbita/visão da concha/ofertada pela areia/caixa de surpresas que/nunca cessa/circos de papel na mesa/bocas vermelhas/coleções de cogumelos,/levem-me à barriga da/baleia azul que preciso/reencontrar Geppeto.//Agarro-me, de olhos cerrados/aos coelhinhos detetives/ao chorão que era eu,/passeio pelo jardim com/a criada dos gansos/vou, num salto, à/ilha do tesouro buscar/o papagaio. o pernetta/e a idade da pedra/recolho Peter Pan and/Wendy no bolso bem como/toda a dor de ter crescido/tão depressa://preciso chorar um pouco/na grama do arco-íris/ plantar nela um forget-menot e/cultivá-lo para sempre/no sorriso de ver Glycia.

Em LORCA, MENINO existe a fusão de três tempos: o presente, tempo vital: o fulgor dos prados verdes,/manguezais e choupos/ acumula-se no meu canto,/esse filtro em abandono.

O futuro, tempo do sonho: Espero a vida como/quem dorme sono de pedra/a sonhar a multiplicação das raízes/entranhadas/no meu coração terreno,/em peixes e ervas que /contém a história antiga/de mar, terra e sono de todos.

O passado, tempo que contém os dois primeiros em uma dimensão transfigurada. E essa transfiguração é uma imersão/emersão no tempo interior, espécie de batismo poético ou comunhão no corpo e no sangue do poeta maior, cuja morte deu-lhe de renascer, onipresentemente, nas coisas da natureza: Ah, trigueiro Lorca,/amor descalço, andaluzo e simples/conheço-te na brasa de uma saudade desconhecida,/ouço, neste último pássaro,/os teus ouvidos sutis às/ dolentes partituras dos trinados em festa,/ouço os teus mornos gritos/no meu coração de árvore,/teu sangue ainda vagueia/louco de leito e murmúrios cascáteis/pelos rios e canais,/teus rios embalam/tristes sons gitanos;/ainda nascem no útero dos rocios/teus mares ainda vivem nos olhos/areados das ínfimas plantas rasteiras./Aqui, querido, nossas mulheres ceifam/a cana-de-açúcar da lua nova/com o olhar da morte.

Cinco poemas e um texto em prosa de Novalis

Verbo original e traduzido

FRIEDRICH VON HARDENBERG nasceu a 2 de maio de 1772, em Wieders-
tedt, Alemanha. O nome
poético de NOVALIS ele o
tomou de um título nobi-
liárquico de um seu ante-
passado. Estudou Direito
na Universidade de Jena,
onde conheceu Schiller e
Fichte. Em 1797, a morte
arrebata-lhe a noiva de
apenas 15 anos, Sofia von
Kühn: daí surgiram os
"Hymnen an die Nacht",
considerados por ele pró-
prio como a parte mais
perfeita de sua obra. Com-
pôs, também, os "Geistliche
Lieder", destinados a se-
rem cantados nas Igrejas,
mas de publicação póstu-
ma. Seu pensamento filosó-
fico foi reunido nos "Frag-
mente", por Schlegel, Tieck
e Von Bülow. Morreu em
1801, rompendo-se-lhe uma
artéria do peito, aos vinte
e nove anos. Novalis eleva
o amor humano ao plano
do religioso, transfigurando
o mundo no Verbo Divino,
numa obra serena, bela,
misteriosa, cósmica e pro-
funda.

As traduções que apre-
sentamos dos "Hinos à
Noite", "Hinos Espirituais"
e "Fragmentos" foram ver-
tidas do francês pela poeti-
sa LUCILA NOGUEIRA.

"Fragmentos"

As palavras — abstratas — são como os gases sob um rótulo: o Invisível.

+ + +

Toda experiência é magia e só pode explicar-se magicamente.

+ + +

Todo contacto espiritual se assemelha ao contacto de uma varinha de mágico. Tudo pode converter-se em instrumento mágico. Se aquele a quem parecem fabulosos e extraordinários os efeitos de tal contatado recorda, sinceramente, o primeiro contatado com a mão da amada, seu primeiro olhar significativo — esse olhar em que um raio de luz quebrada é a varinha mágica — se recorda do primeiro beijo, a primeira palavra de amor, descobrirá, então, que o encanto e a magia daqueles momentos são igualmente fabulosos e estranhos, inexplicáveis e eternos.

+ + +

O carácter é a vontade inteiramente cultivada.

+ + +

Não podemos chegar a ser senão de acordo com o que já somos.

+ + +

A filosofia é, em realidade, a nostalgia da pátria, o desejo de sentir-se, em todas as partes, como na própria casa.

+ + +

No Oriente, as matemáticas se acham em sua pátria. Na Europa, elas degeneraram em simples técnica

Uma tradução pode ser gramatical, adaptada ou mítica. As traduções míticas são as melhores: reproduzem o carácter puro e completo da obra de arte individual.

+ + +

A poesia é a arte de excitar a alma.

+ + +

O sentido do poético coincide em vários pontos com o sentido místico; é o sentido do próprio e do pessoal, o desconhecido e o misterioso, o revelador e o fatal fortuito. Representa o não representável, vê o invisível e sente o insensível. A crítica da poesia é um absurdo; resulta difícil distinguir a poesia do que tal não é. O poeta é realmente "insensato"; por esse motivo tudo nele sucede veridicamente. Representa, no sentido estrito do termo, o sujeito-objeto: a alma e o mundo. A isso se deve que um bom poema seja infinito, eterno. O sentido poético tem estreita relação com o sentido profético e o religioso; com a loucura em geral. O poeta ordena, une, escolhe, inventa; e compreende ele próprio porque procede de tal maneira e não de outra.

+ + +

A separação do filósofo e do poeta é só aparente e redundante em prejuízo de ambos; é indicio de enfermidade e compleição delicada.

+ + +

A poesia é o autêntico real absoluto. Isto é o cerne da minha filosofia. Quanto mais poético, tanto mais verdadeiro.

V HINO À NOITE

Eis que a pedra foi levantada —
ressuscitou a Humanidade —
quebradas as nossas cadeias
a ti nós seremos fiéis.
Teu cálice de ouro afugenta
os aeres tormentos do mundo,
na hora em que a terra e a vida
se apagam na última Ceia.

A Morte chama ao himeneu —
as lâmpadas estão acesas —
eis as virgens todas ornadas —
o óleo abundante está pronto —
nós já conseguimos ouvir
de longe chegar seu cortejo
até que as estrelas nos falem
com uma linguagem humana.

Rumo a ti, Maria, e à tua glória
corações se erguem aos milhares.
Em meio a estes dias de sombra
só por tua presença respiram.
Esperam de ti a Saúde
cheios de doce segurança —
se os sustentas, Virgem Bendita,
no teu santo seio amoroso.

Quantos homens se consumiram
abrasados em amarguras
lugindo a este mundo enganoso
a ti voltaram seus olhares;
tu, que nos salvas da aflição
dissipando os males e as penas —
queremos todos nos unir
e viver sempre junto a ti.

O amante coração piedoso
já não chora sobre uma tumba.
O doce tesouro do Amor
não mais lhe pode ser roubado —
apaziguando a nostalgia,
a noite o anima, com sua flama —
e os anjos que habitam no céu
velam fielmente sobre ele.

Coragem, a vida dispara
rumo à eternidade suprema;
pleno de ardor interior
o espírito arde e se ilumina.
Estrelas vão se dissolver
no vinho dourado da Vida;
sorvendo esse vinho de luz,
seremos estrelas também.

No amor já não cabem cadeias,
unidos, eis os corações.
Imenso oceano de vida
ondula e brilha ao infinito.
E tudo é uma Noite de Gozo —
e tudo é um Poema Eterna! —
e este sol que nos ilumina
é a face augusta de Deus.

VI HINO À NOITE
ASPIRAÇÃO À MORTE

Desçamos ao seio da terra,
fujamos ao império da Luz:
a dor, na sua veemência
é sinal de alegre partida.
Em breve, nesta nave estreita
às margens do céu chegaremos.

Celebremos a Noite Eterna,
celebremos o Eterno Sono,
depois do abrasado caminho
a nós o pesar abateu.
Cansados de eternas viagens,
voltamos à casa do Pai.

Que faremos nós, neste mundo
do nosso amor, da nossa fé?
Ao mundo antigo, abandonaram.
De que nos serve o novo mundo?
Oh! que estão sozinhos, sofrendo
os que se amaram no passado.

Passado onde os áureos sentidos
feericamente brilhavam;
onde o homem sabia ainda
distinguir a face do pai.
E a sua imagem era reflexo
em todo nobre coração.

Passado onde em luz florescia
a abolida raça ancestral,
e a infância, inflamada de céu,
invocava as dores da Morte.
Onde, surdo à voz do prazer,
o coração rompia de amor.

Passado onde os jovens ardentes
viam se revelar o Deus
votando por amor sua vida
santa a uma morte prematura.
Provando até o fim do sofrer
aliviando as nossas almas.

Pleno de angústia e nostalgia
te vemos coberto de luto;
oh! não tem este mundo efêmero
nada que acalme a nossa sede.
Devemos retornar à Pátria,
rever-te, ó Passado sagrado!

Por que retardar a partida?
Os amados jazem na terra.
Circunscritos pela sua tumba,
vivemos de angústia e de luto.
Nada aqui nos retém: cansou
o coração, vazio é o mundo.

Dulcíssimos e misteriosos
calafrios em nós se irradiam —
e do infinito das distâncias
soluções vêm nos responder.
Nossos amados já nos chamam
e nos falam em seu sopro alado.

Desçamos rumo à Namorada,
a Jesus Cristo, o Bem Amado —
Coragem! Eis que a noite se estende
já sobre os amantes devotos.
Um sonho quebra os nossos laços:
entramos no seio do Pai.

IV HINO À NOITE
(Fragmento)

Eu me encaminho ao além
e breve todas as minhas misérias
serão apenas o agulhão
de uma celeste volúpia.
Ainda alguns dias de sofrimento,
e, de minhas cadeias liberto,
eu irei depressa, ébrio e repleto
dormir no seio do Amor.
A onda da vida infinita
rola em mim suas lâminas profundas.
Do alto eu submerjo meus olhares
em ti, mundo que giras abaixo

Perto desta colina fúnebre
todo o teu brilho se obscureceu.
Uma Sombra anuncia em minha fronte
uma guirlanda de brisas.
Sombra querida, atraí-me,
aspira-me para outro mundo!
Que enfim eu possa adormecer
e provar do amor para sempre!
A Morte agora me inunda
com sua onda reperadora;
meu sangue não é mais que bálsamo,
não é mais que éter sutil.
Eu vivo ao longo dos dias
pleno de coragem e de fé,
e pereço ao longo das noites
abrasado de flamas sagradas.

VII CÂNTICO

Raros são aqueles que conhecem
o segredo do amor,
os que sentem a fome insaciável
e a sede eterna.
O sentido divino da Ceia
é um enigma aos nossos sentidos mortais.
Mas o que não bebeu jamais
sobre os lábios ardentes e amados
o alento da vida;
o que sente o coração a dissolver
em ondas frementes neste divino braseiro;
cujos olhos — enfim abertos —
mensuraram as insondáveis
profundezas do céu,
esse come da carne do Senhor
e bebe do seu sangue
para sempre.

Quem, portanto, adivinhou o setido sublime
do corpo terrestre?
Quem consegue dizer
ter ele contido o mistério do sangue?
Um dia tudo será corpo,
um só Corpo.
Um Par único e bem-aventurado
nadará nesse sangue divino.
Oh! Por que não pode agora o oceano
tingir de púrpura
e em carne capítosa
multiplicar as rochas!
O doce festim será sem fim:
o amor ignora a saciedade,
jamais ele acha íntima demais, exclusiva
demais a possessão daquele que ama.
Os lábios, em um beijo cada vez mais sutil,
transformam seu alimento
em uma substância que lhes é cada vez mais
semelhante, cada vez mais próxima.
Uma volúpia mais ardente
faz estremecer a alma;
o coração prova
de uma sede, uma fome crescentes,
e o gozo amoroso se prolonga
de eternidade em eternidade.
Aqueles que se abstêm,
se tiverem provado, ainda que uma vez,
tudo abandonarão
para vir ter lugar conosco
à mesa sempre servida
dos santos fervores.
Eles conhecerão do amor
a plenitude infinita
e celebrarão este pasto
de carne e de sangue.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

O público de um poeta começa no momento em que ele escreve. A tão falada dimensão social da arte, portanto, deve existir no exato momento em que o poeta, saindo primeiramente de si mesmo, entra em relação com o outro, que se faz seu companheiro, através da leitura do seu texto. Quando se escreve, se está sempre entrando em contacto com uma alma, disposta e receptiva à alma daquele que, como autor, se espera que possua algo vivo para comunicar.

Quem fala em dimensão social da arte, e não leva em conta que ela se encontra, em primeiro lugar, radicada na própria relação do artista consigo mesmo, ao se auscultar o pulsar da própria alma, pretende, de boa ou má fé, admitir como pressuposto fundamental que o artista se engane a si mesmo e, em seguida, passe a enganar os demais. A trapaça consigo mesmo induzirá fatalmente a uma trapaça com os outros. O trapaceador, rei entre os escribas, é um verdadeiro alquimista às avessas: porque, em lugar de transformar tudo o que toca em ouro vivo, faz, ao contrário, com que o ouro vivo se transforme em detrito morto.

O falsificador da Poesia é o pior de todos os falsificadores, por fazer da letra, que deve ser um instrumento dócil e passivo do Espírito, uma armadura que prende e estreita o nada, diminuindo-lhe até mesmo a grandeza de vazio. Ou ainda quando nos impressione pelo caudal, ao engrossar a letra pretendendo que o número de vocábulos, de frases ou da

extensão dos livros, possa perfeitamente ficar no lugar da ausência de Vida que, em nenhum sentido, poderia estar neles. Pois também neles não estaria o Espírito que sempre falta àqueles que, engrossando também a fileira dos escribas, paralisam a Vida, embora dando a aparência de fazê-la crescer, monumentalmente, na pedra das falsas obras e dos testemunhos mais falsos ainda.

Os falsificadores da Letra constituem-se, normalmente, nos adesistas mais fanáticos de todas as modas, vogas ou ondas de seu tempo. Por não lhes interessar, em nenhum momento, uma captação real da Vida, estão dispostos, com um faro ameaçador de cães famintos, a abocanhar e prender o menor osso que lhes seja atirado das nuvens. Sim: porque do céu mesmo viu-se cair maná, mas jamais ossos. Mesmo porque a todos aqueles que fazem da Letra um vaso do Espírito, não são os ossos que interessam, porém a Vida que os anima, e que está no Corpo e no Sangue da verdadeira criação poética.

Os que não querem perder a adesão do seu tempo, para não desagradar aos seus pretensos detentores, já perderam, por antecipação, a eternidade que está contida em todo o tempo. Perderam, portanto, o tempo: essa foi a sua recompensa.

Ninguém abandone os seus próprios temas, sejam eles quais forem, pensando que com isso esteja atingindo algum leitor fundamentalmente necessário à decifração de si mesmo. Sobretudo porque o Espírito não é algo que venha de fora, porém algo, que vindo de dentro, se irradiará sobre todas as coisas. Porque nada existe mais contagioso que o Espírito, o único, aliás que possui o poder de neutralizar todas as epidemias possíveis. Negar os seus próprios temas será, portanto, rejeitar-se e fazer dessa rejeição a base de uma estética inexistente. De uma estética do nada contra uma estética do Ser. Seja-se primitivo, medieval, romântico, católico ou satanista, como sade ou lautréamont, mas ninguém será perdoado se, antes de qualquer coisa, trair-se a si mesmo.

O Beco das Almas



Numa co-edição da editora Artenova com a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife, Beco das Almas, de Lucilo Varejão, vem confirmar, através de contos importantes como o Romance do Padre Joaquim, a importância histórica de Olinda para a matéria ficcional desse escritor, um dos mais significativos da literatura pernambucana. Com uma capacidade impressionante de recompor personagens e situações, Lucilo Varejão, não obstante alguns vezes próprios à literatura da época, dificilmente deixará de impressionar muitos dos nossos leitores modernos.

Sobre a Degradação do Homem pela Civilização

EDSON MELO

Natal, Alegria dos Homens

DIOCLÉCIO FERREIRA DA LUZ

Charles Darwin atribuiu uma inexorabilidade ao progresso do homem; transcendente às próprias ações do mesmo. Fundamentava essa sua crença, também corroborada por outros evolucionistas como Spencer e Wallace, no fato do processo seletivo ser um fenômeno natural que, assim, assegurava o progresso automático pela "sobrevivência do mais apto". Nesta linha de pensamento, a humanidade deveria apresentar a cada geração, uma superação da anterior em algum aspecto, deveria reforçar a mensagem que a fez sobreviver nas rudes épocas primitivas e não necessitaria se preocupar com a manutenção e evolução da mensagem ideal. Porém, ao que tudo indica, as ações humanas já há bastante tempo vem distorcendo o progresso que já não é tão automático quanto seria coerente esperar.

As raízes dessa profanação se incrustam num fenômeno desencadeado pelo próprio processo evolutivo; com o desenvolvimento das suas faculdades transcendentes à natureza, como o pensamento projetivo, o ato criativo etc., a pressão de seleção foi gradativamente diminuída até que, na sociedade moderna foi exterminada, tendo como substituto o comportamento. O homem, pois, já não desfruta da proteção com que a natureza cobre os seus; pela própria dicotomia matizadora da sua existência foi posta em suas mãos, ou melhor, em sua prática de vida, a responsabilidade pela evolução ou degradação da sua raça. Esta,

pode levar a uma evolução ideal, fazendo desabrochar potencialidades inimagináveis. Pode proporcionar, talvez, o uso disseminado de faculdades paranormais, pode levar a altos estágios de sanidade, onde a qualidade da vida assegura uma rica herança para as futuras gerações.

Por outro lado, o comportamento pode degradar nossa espécie, escrevendo na herança genética, costumes alienados da inscrição estabelecida pela pressão natural, responsável pela sobrevivência. E justamente, é esse o comportamento vulgarizado no homem de nosso tempo principalmente; a patologia inerente ao nosso comportamento nada mais é que um reflexo, ou o reflexo de uma adaptação desfavorável, desequilibradora e degradante.

Spinoza, há vários séculos já, denunciava o fato de que o comportamento patológico de tal forma estava se tornando comum que já deixava de assim ser considerado, tornando-se apenas um mau costume. No século passado Nietzsche falou de um entrave no desenvolvimento moral do homem atribuindo-o ao cristianismo. Marx chamou atenção para a deformação do homem e P. Broca para a existência na sociedade contemporânea, de indivíduos tão extraordinariamente fracos física e intelectualmente que, no estágio primitivo logo seriam eliminados. Recentemente, J. Monod denunciou taxativamente a degradação genética

do homem na sociedade moderna.

Porém, o comportamento, leito de tanta responsabilidade, não é autônomo, e sim, por ato da mesma evolução, um atributo da pressão ambiental. São os traços culturais que constituem pela via do comportamento a pressão de seleção, como behavioristicamente demonstra o conceituado B. F. Skinner no seu "Beyond Freedom and Dignity" (O Mito da Liberdade).

É já bastante conhecida a preocupação de cientistas como os citados Monod e Skinner, além de R. B. Cattell no campo da Ética. Eles, mais do que ninguém já sentiram a imperiosa necessidade de uma reestruturação nesse campo, uma reestruturação que ponha fim à crescente dicotomia homem-meio ambiente. A sanidade, com seus atributos excelsos tais como; o amor ao próximo, o amor próprio, a espontaneidade, a sinceridade, precisa urgentemente substituir o inferno em que vivemos. O homem não deve ser um meio para nenhuma finalidade extrínseca à sua natureza.

Enquanto permanecerem os conflitos com o meio ambiente, solo fértil a conflitos intrapsíquicos, a matriz patológica pressionará a humanidade para uma degradação que em nossos dias já torna ininteligível o ato socrático de morrer pela verdade e transforma a nossa grande riqueza, a nossa ativa Ciência, numa maldição.

Véspera de natal. O povo alegre nas ruas adquire os presentes para o dia de amanhã. As registradoras dos caixas não param. Hoje e amanhã tem serão para todos os funcionários de todas as lojas. "Essa é a melhor época de vendas" — já disse o presidente do Clube dos Diretores Lojistas. O espírito natalino é mais uma multinacional em qualquer país, e o "bom-velhinho" é o seu presidente.

Um homem sai da loja multicolorida, enfeitada por mil árvores de natal, cobertas de algodão "johnson & johnson" — a neve tropical. Seus braços — desacostumados ao "todo-e-qualquer-esforço" — neste dia suportam os cem quilos de presentes pacientemente escolhidos para serem ofertados a todos os amigos e inimigos — sim, neste dia não existem mais inimigos.

A lista era enorme, mas, apesar do aperto, conseguiu comprar todos. Até o presente de Maria, a empregada, ele não esqueceu — um belo avental com detalhes bordados à mão. Sim, afinal como disse a esposa: "todos somos iguais". Realmente não tinha sido bem atendido em algumas lojas, mas é natal: tudo é festa.

O carro fôra estacionado um pouco distante, mas isso não era problema: hoje é véspera de natal, ele estava alegre, todos estavam alegres; e, afinal, não seria a sua obesidade que o impediria de caminhar entre o povo feliz como não fazia há tempos. Além disso já haviam lhe dito que o método Cooper "é muito bom pra manter a saúde".

A rua principal apinhada de gente alegre, suada, cansada, feliz, doida, impedia-o de caminhar. O barulho era imenso. Alguns "velhinhos" de barba de algodão convidavam o povo a entrar em suas lojas festivas. Os seus passos diminuíram: muitos e todos querendo correr (parecendo a última noite do mundo). O paletó, esmagado pela multidão, parecia-lhe uma camisa-de-força. Arrependeu-se de não ter tomado um taxi. A gravata o enforcava lentamente. Sua camisa de seda importada assemelhava-se a um pano qualquer invertido n'água. Queria sair e não podia — a angústia.

Neste momento — à porta da loja mais movimentada da rua — o primeiro sinal: uma pontada sinuosa no lado esquerdo do peito. Os pacotes por pouco vão ao chão. Encostouse ao lado da loja tentando respirar fundo — era difícil: muita gente. Nisso, outra pontada, esta

já bem mais forte que a primeira. Seus braços se contraem em busca do peito dolorido enquanto os pacotes saem a procura do chão. O suor frio nas costas queima-lhe a pele; suas mãos tornaram-se brancas como a neve "johnson & johnson" da loja.

O homem cambaleia, está prestes a ir ao solo... Mas! — graças a Deus — aparece uma mão bondosa que vem lhe ajudar — é a mão de um dos "bons velhinhos" de barba de algodão. "O que é que você tem?" — pergunta. Não há resposta, a dor assomou aos limites de tolher as vibrações de suas cordas vocais, apenas um som gutural ainda persiste ecoando em sua garganta (no fundo ele sabia que alguém viria lhe ajudar: é natal).

Uma pequena multidão em equilíbrio dinâmico gira ao seu redor. O "bom-velhinho", vendo que nada pode fazer, retorna ao seu trabalho, ajeitando a barba que tinha se tornado oblíqua quando fê-lo sentar-se na calçada.

Os pacotes já não mais existem, alguma mão pequena deve tê-los levado. O tempo passa dolorosamente: um segundo estralçou sua aorta, o outro rasgou seus ventrículos; um terceiro ainda percorreu suas veias e é de tanto duma bola de bilhar.

Alguém grita que ele está precisando de um médico; um segundo sugere uma ambulância; um terceiro concorda com o primeiro; um quarto ratifica o segundo; um quinto concorda com o primeiro mas discorda do segundo; um sexto concorda com o segundo mas discorda do primeiro; um sétimo sugere que se espere pra ver se ele melhora; o oitavo é médico mas nada pode fazer porque vai dar plantão e já está atrasado.

O homem está morrendo. Sua respiração tende a um período infinito, e é pra esse infinito que seus olhos estão voltados — estáticos, fixos a uma pequenina luz bem distante — quem sabe a estrela de Belém.

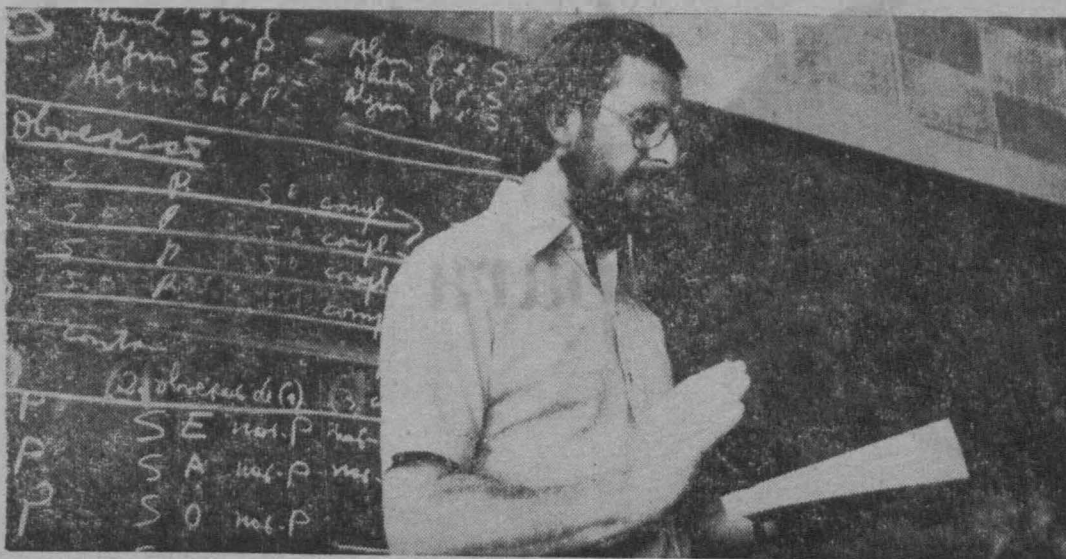
O tempo passa, o movimento nas ruas diminui um pouco. A alegria, no entanto, ainda perdura em cada olhar, em cada rosto, em cada semblante.

O som das registradoras — imortal sinfonia — vai além dos limites das lojas. O natal chegou — essa é a melhor época de vendas — as lojas multicores — papais-noel em profusão — o espírito natalino — os sinos repicam — é natal — é alegria — é natal — felicidade — natal.

O Professor Luiz Antonio Marcuschi, do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, admite a necessidade da disciplina Lógica Simbólica, não apenas para os estudos lingüísticos e literários, "mas até para a arte culinária". Ele sustenta que "uma boa formação lógica previne bastante contra as artimanhas da linguagem".

Mestre pela Universidade de Erlangen na Alemanha Federal, onde fez os cursos de Doutorado em Sociologia e Lingüística, de 1971 a 76, o Prof. Marcuschi defendeu a tese "O Exemplo como Método" — um trabalho sobre o filósofo Ludwig Wittgenstein. Publicou, em 1975, um estudo de sociolingüística sob o título "Linguagem e Classes Sociais".

O Prof. Antonio Marcuschi é formado pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Atualmente, encontra-se na Universidade Federal de Pernambuco, integrando o corpo docente do Mestrado em Letras. Ele concedeu entrevista ao JORNAL UNIVERSITÁRIO, abordando vários aspectos do ensino universitário, particularmente a lingüística e os estudos literários.



O PROFESSOR LUIZ ANTONIO MARCUSCHI EXPONDO AULA NO MESTRADO EM LETRAS

MARCUSCHI: Lógica Simbólica, até na arte culinária

JU — Como explica os objetivos da disciplina Filosofia da Ciência Literária da qual é titular no Mestrado em Letras da UFPE?

Uma elucidação dos "objetivos" da Filosofia da Ciência Literária implicaria, antes de tudo, uma definição dos princípios que norteiam o próprio Mestrado em Teoria da Literatura da UFPE. Quem examinar atentamente o programa desse curso, terá, inicialmente, a impressão de que ele (o curso) tende a resistir espartanamente às correntes teóricas da moda atual. Entretanto, não é isso o que ocorre. Tomemos a disciplina aqui em questão como epóio para a análise. É notório — e só reluta em vê-lo quem lê poesia, romance, etc. — que a Literatura em geral com régua de cálculo — que a Literatura em geral reflete, entre outras coisas, tanto o espírito sócio-cultural como os momentos ideológicos da época. "Ideológico" é tomado aqui na acepção global de visão de mundo, ou mas intuitivamente, como o respectivo conjunto de posições que norteiam as atitudes de um grupo ou de um indivíduo. Assim, um curso de Teoria da Literatura que visa a preparar profissionais que saibam informar não apenas acerca das "estruturas" e "literariedade" do texto, mas que captem os elementos ditos "suprasegmentais" como por ex. o ideológico, o filosófico, etc. — o semântico em seus vários níveis — deve dar uma informação com base filosófica. Tal como a vejo, a Filosofia da Ciência Literária busca trabalhar e elaborar categorias conceituais que não se prestem apenas a uma análise dos elementos arquitetônicos, matemáticos ou químicos do texto literário tático, mas se dê conta daqueles elementos que fazem uma obra literária permanecer como obra de arte. E, note-se, uma obra de arte literária não permanece devido às suas estruturas físicas, assim como acontece com o resíduo de fósseis, mas por suas potencialidades dinâmicas que análises realizadas com categorias filosóficas sólidas podem ajudar a penetrar. Os objetivos são, portanto, o embasamento teórico necessário a uma leitura não apenas com rigor formal, mas também com categorias críticas; com isso chega-se também, talvez, a uma revisão de velhos padrões estéticos.

JU — Haveria uma Ciência da Literatura, e como a explicar?

Se por "ciência" entendemos uma atividade institucional organizada e metódica realizada com rigor e controle terminológico em torno de uma área do saber, não há porque duvidar da possibilidade de uma Ciência Literária. Se a preocupação, porém, não se limita apenas ao elemento formal e metodológico, então entra-se no caráter das proposições formuladas por teorias específicas. Aí, admitindo-se que as proposições de uma "teoria científica" devem ser ou verdadeiras ou falsas (ou pelo menos que deva haver um método para dizer com segurança o que acontece), retira-se a Teoria da Literatura do rol das ciências (empíricas). E, se, por extensão, entendemos por "ciência" apenas as ciências empíricas e exatas, então a teoria da literatura não é ciência. Pois ela não pertence a nenhuma dessas categorias. Aqui convém, pois, distinguir entre "ciência" e "teoria": temos, por ex., uma Ciência da Literatura, mas muitas Teorias Literárias. "Teoria" nada mais é do que um feixe ou conjunto sistemático de proposições científicas (obtidas com um certo método e com base em outras teorias) em forma de leis ou hipóteses com caráter geral e explicativo sobre um dado

fenômeno. Assim, na ciência da Física temos várias teorias da gravitação universal concorrentes. Teoria é um fenômeno lingüístico (um conjunto de proposições) com pretensões de validade universal e ciência é uma atividade metodológica. Feita essa distinção, não nos será difícil ver que no caso específico da Ciência Literária temos, em comum com as outras ciências (naturais), apenas o rigor metódico-metodológico, ao passo que não podemos pretender validade ou universalidade, pois teorias literárias não são moldes fixos para serem aplicados a qualquer obra de arte literária. Ademais, note-se que para cada obra de arte literária realmente revolucionária ou de vanguarda é-se obrigado a elaborar uma nova teoria que a penetre e a saiba ler: as teorias literárias são sempre posteriores às obras literárias; são sempre secundárias, levam-nos à compreensão e não à explicação. Elas só surgem depois que a obra estiver aí; antes disso, nem sequer em forma de hipótese elas podem ser formuladas. As teorias da literatura não calculam, e, quando o fazem, nunca à maneira das ciências exatas ou empíricas. Cada teoria literária é apenas uma proposta metodológica para uma possível leitura.

JU — É necessária a disciplina de Lógica Simbólica nos estudos lingüísticos e literários?

Sim, e não apenas para eles, mas até para a arte culinária. Considerando que tanto a Lingüística como a Teoria da Literatura são disciplinas que lidam basicamente com a linguagem (seja como instrumento ou material de pesquisa), estão sempre sujeitas às capciosidades de seu instrumento. Uma boa formação lógica previne bastante contra as artimanhas da linguagem. Olhando-se mais de perto a situação da Lingüística, por exemplo, vê-se que hoje se tornou praticamente impossível fazer um estudo sério, a nível de Mestrado ou Doutorado, sem dominar pelo menos os elementos fundamentais da Lógica Moderna. Sem isso não se terá acesso a uma grande parte da literatura especializada. As teorias lingüísticas mais recentes primam pela formalização de seus resultados. Não se trata apenas de um gosto estético ou modista por fórmulas, mas de uma necessidade para se poder utilizar os recursos técnicos dos computadores e outros meios de pesquisa. Depois que a Lingüística passou a ser uma área com caráter eminentemente interdisciplinar e pretensões de ciência empírica, teve que munir-se de instrumentos mais rigorosos. E um dos primeiros recursos foi o socorro da Lógica. Além dessas razões temos ainda um argumento da maior relevância pragmática, válido também para os estudantes da Teoria da Literatura: no futuro, ambos serão profissionais que deverão usar da argumentação, quer como professores ou como autores de trabalhos. Em ambos os casos deverão formular seus argumentos, para o que o recurso da Lógica será muito importante para evitar oferecer flancos facilmente vulneráveis. Por isso creio que a Lógica deve ser estudada seriamente nos cursos de Lingüística e Teoria da Literatura como disciplina fundamental. Por ora, a Lógica foi introduzida, no Curso de Letras da UFPE, apenas em nível de Pós-Graduação. Sou, porém, de opinião que a Lógica deveria ser uma disciplina a ser estudada já no programa dos cursos Básicos. Quem não está convencido disto que leia os trabalhos de universitários de anos mais adiantados e averigüe a fraqueza e incorreção da argumentação.

JU — Qual o "status" da Sociolingüística como ciência interdisciplinar, nos estudos de lingüística aplicada?

Em primeiro lugar devemos fazer uma constatação: no Brasil desenvolveu-se uma atividade extremamente inflacionária com respeito à lingüística teórica ou pura, de influência francesa ou americana, as duas versões do estruturalismo. Isto levou-nos a arraiais muito distantes da Sociolingüística enquanto área interdisciplinar e de caráter aplicado. Os motivos talvez sejam óbvios nestes tempos de panúria intelectual, mas o certo é que a Sociolingüística entre nós continua sendo ainda um desconhecido. Devo mencionar aqui a pesquisa em andamento, mas com nada aplicado e tudo ainda em caráter de segredo, que está sendo feita pelo grupo do Projeto NURC (sobre o Português da Norma Urbana Culta) e do qual há bons trabalhos guardados inclusive nos arquivos do grupo de nosso departamento de Letras.

Quanto ao "status" da Sociolingüística há pouco a dizer. Importante é mesmo o seu problema de autonomia, coisa que ela ainda não atingiu, pois empresta sua terminologia em parte da Sociologia, da Psicologia, da Etnologia, Antropologia Social, da Politologia e outros campos, além da Lingüística e Estatística, evidentemente. Quanto ao método, prende-se em grande parte aos modelos da Sociologia e adquire ali seu caráter empírico, mas serve-se em grande parte da Lingüística. Quanto ao tema, ainda não assumiu um campo específico como o seu, ficando com certos setores da lingüística e muitos dos elementos da Sociologia. Com tudo isso, se autonomia dá "status", a Sociolingüística não tem "status" de ciência autônoma e anda à cata de uma vaga na galeria das ciências. É, pois, um sonâmbulo em estágio pré-teórico. Mas, se por "status" entendemos o caráter de moda que se manifesta no volume de pessoas empenhadas no seu estudo, então a Sociolingüística tem, no momento, um "status" invejável, pois é grande o número de indivíduos que falam nela. É o tipo do fantasma que todos vêem e ninguém sabe ao certo por onde anda. A Sociolingüística caracteriza-se, em parte, pela sua falta de rumos, mas uma grande vantagem ela já está trazendo. Conseguir libertar a Lingüística de sua imanência.

JU — Como explica a atual redução do vocabulário entre os estudantes universitários? Estaria havendo um desinteresse pelos estudos literários e lingüísticos de uma maneira geral?

Se me fosse perguntado por que nós, ao contrário dos ruminantes, não usamos o segundo estômago apesar de tê-lo, diria que a atrofia se deve ter dado pela falta de uso. Pois bem, não estou prognosticando um futuro da maioria silenciosa em nossas Universidades, mas sim um futuro da palavra cada vez mais escassa. Essas dias constatarei que até as fofocas estão em trando em recesso; talvez seja justamente por isso que estão passando para as novelas como elementos folclóricos. Isso posto, podemos verificar que a redução do vocabulário se dá tanto sob o ponto de vista quantitativo (terminologia cada vez mais reduzida e repetida) e qualitativo (a linguagem é pobre e pouco técnica, sendo também muito imprecisa). Em primeiro lugar, isso poderá ser um reflexo direto da falta de leituras dos

estudantes, e, em segundo lugar, pela própria estrutura da universidade muito propícia à desintegração do estudante. Hoje, já a partir do vestibular, nem sequer redigir é mais necessário. Tudo é na base da cruzinha. O aluno gosta cada vez mais de optar entre as hipóteses A, B ou C, mas não tem muita tendência a dizer a própria opinião. Falta de costume e oportunidade, talvez: o caminho do atrofamento. A redução vocabular não se nota apenas em conversas informais nos corredores, mas inclusive em aula, na hora de apresentar um trabalho. Isso tudo se acha em franco contraste com a intensa atividade de nossos escritores e escreventes que se esfalfam criando novos termos e introduzindo neologismos, etc. em perfeita desvinculação simétrica do público leitor: um paradoxo para o escritor que parece ter apenas o crítico como público leitor quando não escreve "beat-seller". Não creio que isso tudo se deva a um desinteresse pelos estudos lingüísticos e literários, como a pergunta parece sugerir. O que nota é que há uma preferência generalizada por outros meios de comunicação que a simples linguagem oral: estamos retornando à mímica, ao gesto, à sobriedade no uso de palavras, à utilização de termos gliticos semanticamente densos. Ao lado disso, creio que há uma porção de desinteresse por coisas da vida, que levam a uma desatuação das cordas vocais e do espírito crítico, que se exercita na linguagem. O grande problema aí não é o da marcha para um mundo silencioso, mas sim o da marcha para um povo sem líderes, se é que das camadas universitárias de hoje devem sair os líderes de amanhã.

JU — Que linhas de pesquisa vem desenvolvendo na Pós-Graduação em Pernambuco?

Não faz muito que aqui cheguei e o primeiro semestre que ora finda foi mais uma espécie de reconhecimento do terreno do que uma exploração de todas as possibilidades. Os programas do Pós-Graduação tanto em Lingüística como em Teoria da Literatura estão ainda no início, mas terão que desenvolver vários trabalhos para se afirmarem como cursos produtivos e assim darem prova de maturidade intelectual. Gostaria muito de contribuir para isso. A turma atual tem condições de dar uma arrancada das mais significativas, pois foi selecionada com muito critério e está respondendo à altura às solicitações feitas. No momento, concretamente, preparo a seleção de material para orientação de teses, tanto em Lingüística como em Teoria. Ao lado disso estou montando um curso de Sociolingüística para a Pós-Graduação no semestre vindouro. Será muito importante, pois ao lado da parte teórica levantarei uma série de parâmetros e estruturarei uma metodologia para aplicar numa pesquisa de campo que está sendo preparada no momento pelo grupo na Pós-Graduação. Trata-se de um levantamento ad hoc lingüístico de pequenas comunidades para definir os rumos a serem seguidos na pesquisa posterior. Nossa intenção é montar um centro de Lingüística Aplicada, para o que necessitamos de um laboratório de Línguas mais aperfeiçoado e muito material bibliográfico. O grande problema da pesquisa de professores continua sendo a estruturação do tempo disponível: que fazer após as 40 horas semanais na universidade? De resto, as linhas de pesquisa estão sendo definidas em conjunto com o prof. e poeta César Leal, nosso grande motor e entusiasta da Pós-Graduação.



Escola de Artes revela pianista para o Brasil

Dizem, em linguagem comum, que “o espinho quando tem de furar, de pequeno mostra a ponta”. Emprega-se tal máxima, com frequência, às pessoas que, logo cedo, precocemente, despontam com destaque nos diversos setores das artes, da literatura, da música, das letras e até mesmo no campo das técnicas. É o caso da menina Maria Clara Fernandes de Lima, com apenas 11 anos, uma consagração de pianista, com vários primeiros lugares em concursos regionais e nacionais.

“A música representa na minha vida um papel muito importante, porque é tocando que me conheço e me realizo” — declara Maria Clara Fernandes de Lima que, ainda na “idade da boneca”, como sugere a tradição brasileira, já se consagra como uma autêntica revelação de pianista, para todo o Brasil.

Aos 11 anos de idade, Maria Clara, que é aluna do Curso de Música da Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, ostenta vários títulos de primeira classificada em concursos regionais e nacionais: em 1974, conseguia 1.º lugar em concurso realizado no Rio Grande do Norte; no mesmo ano, alcançava igual destaque em outro concurso realizado no Recife, comprovando, desde logo, sua vocação para a música.

“Quando toco, me esqueço de tudo e sinto-me com um bem estar enorme. Minha vida sem a música não seria completa” — salienta essa garota pernambucana que, este ano, conquistou no Rio de Janeiro, em concurso para jovens de 8 a 15 anos de idade, um novo primeiro lugar, sedimentando a sua carreira de musicista. Participou como solista, de um concerto da temporada da Orquestra de Niterói. Para 1977, ela já tem convite para executar recitais em Petrópolis, Rio de Janeiro, promovido pela Abrarte e Cultura Artística daquela cidade.

O início

Maria Clara descobriu sua vocação para música, sob a orientação da professora Yosonete Ramos, com quem estudou alfabetização musical. Logo aos 6 anos de idade, ingressava no Conservatório Pernambucano de Música, estudando com a professora Helena Farias Carneiro da Cunha. Em 1974, após conquistar o 1.º prêmio do concurso realizado no Recife, recebeu uma bolsa de estudos para o Conservatório. Em 1975, aos 10 anos de idade, conquistaria mais três prêmios: 2.º lugar em concurso realizado no Rio Grande do Sul, 1.º lugar em Salvador, e outro 1.º lugar no Recife.

Tem ainda outros títulos consagradores: Prêmio Seminário de Música Pro Arte e Casa Rui Barbosa; Prêmio Orquestra de Câmara de Niterói; Prêmio Pro Arte de São Paulo e Prêmio Abrarte.

Em dezembro do ano passado, tocou na festa do encerramento de atividades artísticas da Sociedade de Cultura Musical do Rio Grande do Norte, como convidada especial. Em Janeiro deste ano participou do Curso Internacional de Música, em Teresópolis, onde foi solista de um concerto de cordas. Somente em março deste ano (1976) transferiu-se para a Escola de Artes da Universidade Federal de Pernambuco, matriculando-se na classe da professora Elyanna Caldas Silveira. Em outubro, foi solista do concerto dado pela Orquestra Sinfônica do Recife, em homenagem ao Dia da Criança.

AGRADECIMENTO

Ao retornar do Rio de Janeiro, onde conquistou o seu mais recente primeiro lugar em concurso nacional, categoria Infantil, Maria Clara remeteu carta ao Reitor Paulo Maciel, na qual agradece a colaboração que recebera para empreender a viagem. Suas palavras ao alto dirigente da UFPE:



“Acabo de voltar do Rio de Janeiro aonde fui para participar do Concurso “Crianças Tocam para Crianças”, promovido pela Casa Rui Barbosa e Seminário de Música Pro Arte.

Graças a Deus consegui tirar o 1.º lugar e, com esse resultado, elevar o nome do nosso Estado, o da nossa Escola de Artes e Comunicação e muito especialmente o da minha professora que me deu aulas durante todo o período de licença em que estive em tratamento de saúde.

Tenho por tudo isso que agradecer o apolo que Vossa Magnificência me deu, confiando em mim e dando-me passagem aérea de ida e volta. Agradeço, também, à diretora da nossa Escola, dona Arlinda Rocha, que muito me estimulou, e a dona Elyanna, cujos esforços e sendo de responsabilidade ajudaram-me a ter o êxito desejado.

Espero continuar a merecer o mesmo apolo, carinho e compreensão recebidos, e aqui firmo-me muitíssimo grata. Maria Clara Fernandes de Lima.

Opinião

Depoimento da professora Elyanna Caldas Silveira, do Curso de Música, da Universidade Federal de Pernambuco, sobre a pianista:

— Maria Clara Fernandes de Lima é um exemplo típico — que deve ser apontado aos demais estudantes de música — do que podem conseguir a dedicação e o trabalho, unidos, naturalmente, ao trabalho pessoal.

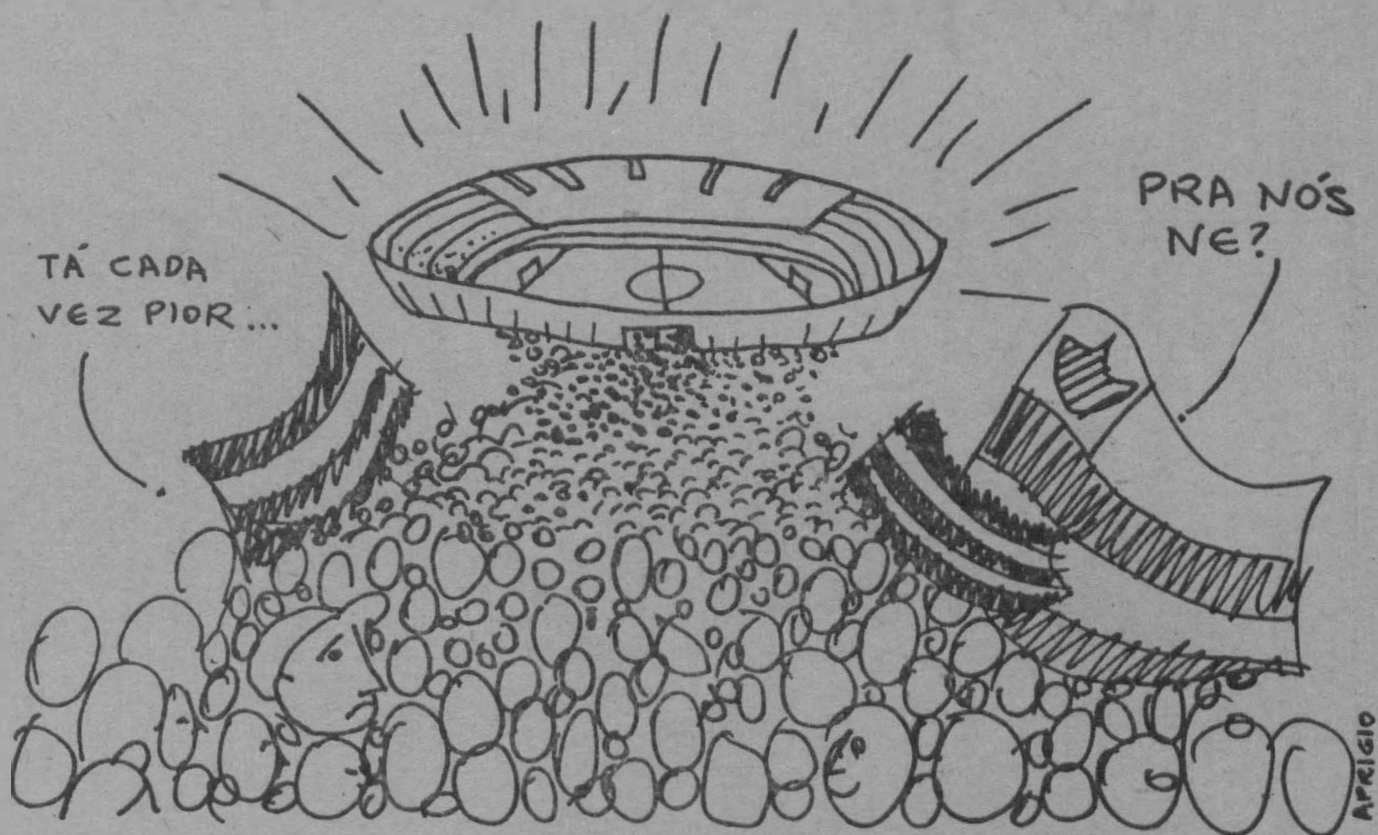
Digo isso porque é praxe entre os estudantes de piano se fiarem na sua intuição musical, diminuindo o esforço que deveria ser cada vez maior, para a obtenção de um domínio técnico perfeito do instrumento.

Convém destacar que Maria Clara faz parte de uma família onde não apenas ela se sobressai no setor musical. Seus dois irmãos Flávio e Fernando Fernandes de Lima, são também detentores de prêmios nacionais e são alunos de piano e de instrumentos de sopro, do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Foram laureados do I Concurso Nordestino de Piano, promovido pela Universidade Federal de Pernambuco, em novembro de 1975, obtendo, respectivamente, o 1.º e 2.º lugares da faixa juvenil. Concurso, aliás, no qual Maria Clara foi também a 1.ª classificada na faixa Infantil.

O desportista pernambucano vem, ao longo dos anos, acumulando queixas quanto ao tratamento (?) que lhe é dispensado pela Federação Pernambucana de Futebol. Entra campeonato, acaba campeonato, e nada de novo é apresentado pela FPF, no seu relacionamento com o torcedor, que permanece à margem das decisões, como se nada representasse no contexto, como se não fosse a razão de ser dos espetáculos futebolísticos.

A construção de uma opulenta sede — ninguém deixa de reconhecer quão necessário ela é — sem a renovação de métodos administrativos, pouco acrescentou ao futebol pernambucano, especialmente quanto ao tratamento que deveria ser dispensado ao sofrido torcedor. Este só é lembrado quando os dirigentes da FPF ousam majorar os ingressos para os estádios.

DESSPORTISTA PAGA PREÇO DO ABANDONO NOS NOSSOS ESTÁDIOS



RICHTER, O RECORDE EM VELOCIDADE



Montreal (INB). A mulher mais rápida do mundo é Annegret Richter, natural de Dortmund, República Federal da Alemanha. Na corrida final na distância dos 100 metros, ela tornou-se vencedora olímpica com o tempo de 11,08 segundos. Na semi-final, Annegret, que é casada e de profissão taquígrafa, registrou nessa distância um novo record mundial no tempo de 11,01 segundos

Para a loira essa é a segunda medalha de ouro em Jogos Olímpicos, pois em setembro de 1972 em Munique ela integrou a estafeta alemã vencedora nos 4 x 100 metros. Na corrida final dos 100 metros em Montreal, a sua colega de clube de Dortmund, Inge Helten pôde conquistar a medalha de bronze. A segunda colocada foi Renate Stecher da RDA, vencedora olímpica em 1972 (wip)

GRITA

O descaso da Federação não se limita ao torcedor. Até os clubes também padecem. Não é por acaso, por exemplo, que os atuais dirigentes do Santa Cruz Futebol Clube já anunciaram que estão dispostos a lutar com o objetivo de mudar o esquema administrativo da FPF, a partir do próximo campeonato. Quando assim se manifestam, certamente é porque a coisa não vai bem, o sistema administrativo daquela mentora deixa muito a desejar com relação aos seus filiados.

Nos dias dos grandes clássicos, pode-se constatar a que ponto é relegado o torcedor. Frente às bilheterias formam-se imensas filas de torcedores, sem contarem com qualquer esquema organizado pela FPF, no que diz respeito à proteção da sua integridade física (e às vezes, moral),

ficam expostos à sanha dos ladrões, dos "penetras" (os que chegam por último e não respeitam o direito dos que já estavam na fila), entre outros pontos. A FPF não dá a mínima, talvez porque só tem se preocupado unicamente com o faturamento — e aí as coisas andam muito bem para aquela entidade.

Imaginem que não se providenciou até hoje, o cálculo da capacidade dos estádios de propriedade do Santa Cruz, Náutico e Esporte, em termos oficiais, omissão que resulta em prejuízo para o próprio torcedor: nos clássicos, o que se vê "é o empurra-empurra, vai mais prá lá", torcedor espremendo torcedor, sem as mínimas condições para a realização de um espetáculo público. E a FPF não dá a mínima, só pensa mesmo em faturar, o torcedor que se dane.

O problema da medição oficial da capacidade dos três estádios, pode servir de amostragem quanto ao descaso da FPF para com o torcedor. É preciso que os dirigentes daquela entidade, especialmente o seu eterno presidente, se advirtam de que torcedor não é coisa, é gente, necessita de tratamento condigno, das mínimas condições para frequentar os estádios de futebol. A propósito da capacidade dos estádios, ao que tudo indica, há interesses outros (de quem, ninguém sabe) que não permitem tal providência, apesar da própria Confederação Brasileira de Desportos (CBD) já ter se manifestado a respeito. Sabe-se que até autoridades governamentais ofereceram ajuda, mas quando ficou claro que a FPF participaria com certa quantia em dinheiro, tudo voltou à estaca zero, o silêncio voltou a sufocar o assunto.

INTERIORIZAÇÃO DO FUTEBOL, NEM SE FALA

A interiorização do futebol (a divisão) em Pernambuco mais parece estória de quadrinhos. Não importa sequer a badalção de que Pernambuco "é a torcida força do futebol nacional". Outros Estados nordestinos, embora não tenham atingido essa condição de "grandeza", permanecem ainda em alguns degraus abaixo, como admitem os "especialistas", já estão na dianteira, porquanto conseguiram interiorizar a categoria futebol profissional, conferindo com isso nova roupagem aos seus campeonatos.

Mas Pernambuco, no que pese a sua "grandeza" futebolística, continua indiferente, através dos seus dirigentes, especialmente os da FPF, a essa extensão que, no nosso entender, é a grande abertura para a sobrevivência do campeonato pernambucano de futebol, visto que, a cada ano, vem caindo na monotonia,

com os três clubes — Esporte, Náutico e Santa Cruz — disputando entre si, sem motivações, já que Ibis, Santo Amaro, América e Ferroviário não lhes oferecem resistência. Salva-se apenas o Central, de Caruaru, principalmente quando os jogos são realizados na Capital do Agreste.

Ora, sendo a FPF a mentora máxima do futebol — amador e profissional — por que não apresenta alternativas nesse sentido, procurando estimular as federações de cidades como Garanhuns, Petrolina, Arcoverde, Vitória, Limoeiro, com vistas à sua inclusão nas disputas da primeira divisão? Bradam os dirigentes, "essas cidades não têm estrutura para tal...". Com essa desculpa "amarela" eles saem pela tangente, e o que se vê é isso que aí está: um campeonato cada vez mais decadente, sem

qualquer motivação, salvo quando são disputados os chamados clássicos, entre as três principais forças.

Claro que as autoridades que dirigem os destinos desses municípios estão diretamente envolvidas no problema, obviamente porque o assunto lhes interessa de perto, porquanto a interiorização do futebol profissional oferece divisas, consequentemente novas fontes de arrecadação para as Prefeituras, sem se falar nas vantagens para o comércio em geral. Mas o maior interessado é a FPF, logo deveria a mentora partir primeiro, tomar a iniciativa de auscultar os problemas, dificuldades de cada uma dessas cidades e, com a reunião de forças e interesses, promover a interiorização do nosso futebol profissional.

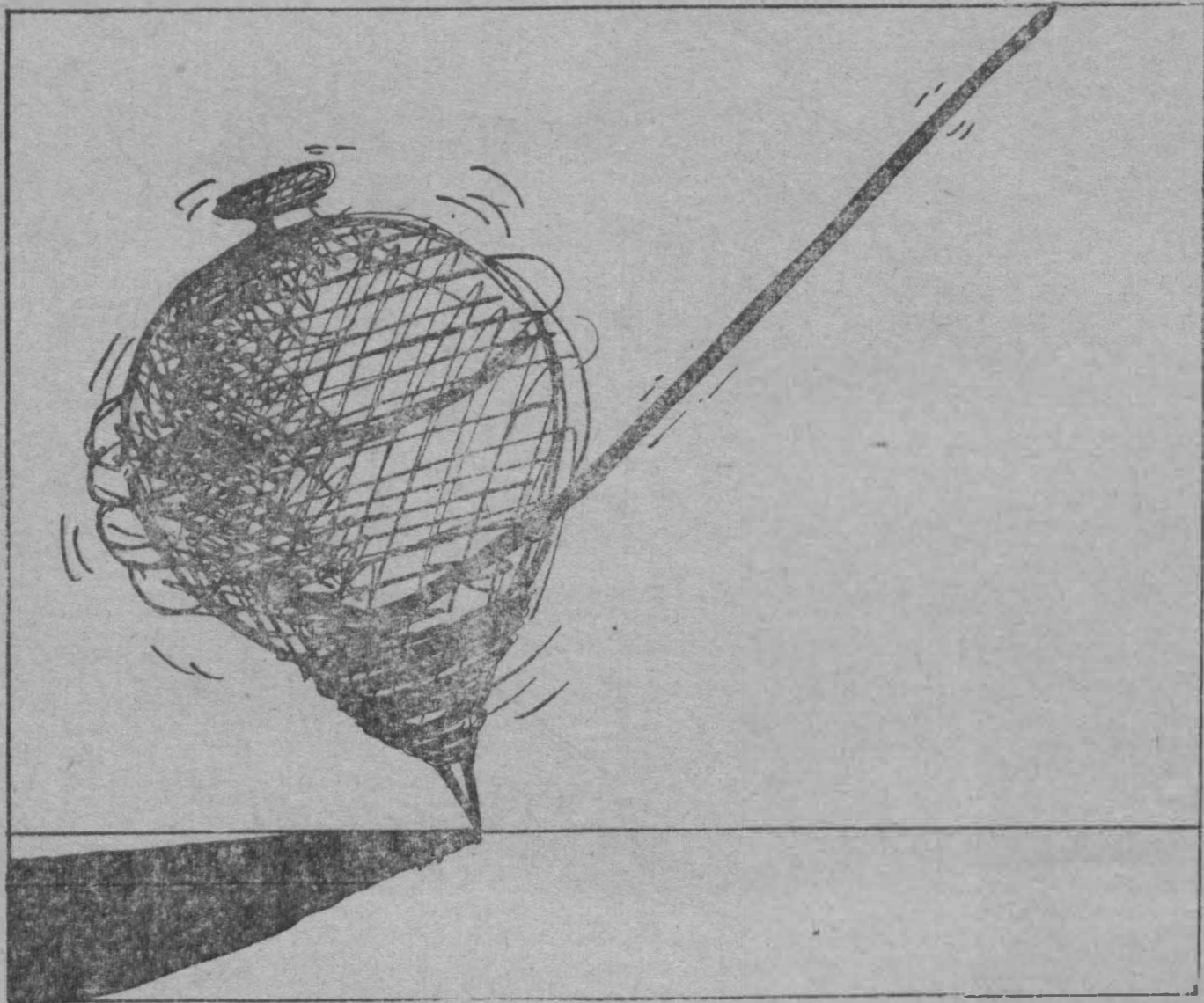
Folclore

Angela Delouche

O campo de folclore se estende a todas as manifestações da vida popular. O traje, a comida, a habitação, as artes domésticas, as credences, os jogos, as danças, as representações, a poesia e o linguajar.

EDVAL MARINHO

O jogo precede a cultura



Um brinquedo que existe desde as mais remotas eras e, persistindo até hoje, apaixona os garotos: O Pião.

O jogo precede toda cultura. Ele vem antes, emerge da natureza onde se encontra inserido, tanto assim que os animais não esperam que o homem os inicie nessa função — “tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos” — no dizer de Johan Huizinga, em estudo minucioso sobre o jogo.

Os animais novos, cães, gatos, cabritos, brincam, competindo uns com os outros, com intensa alegria, mas obedecendo a regras, como, por exemplo, ao morder as orelhas uns dos outros fazendo de leve, pois não estão brigando, mas brincando, isto é, jogando.

Até mesmo os pássaros realizam competições de vôo, como os corvos ou simplesmente exibem-se como as aves do paraíso. Huizinga afirma que o jogo é irracional, resistindo a toda a análise de interpretação lógica. Pode-se dizer que o jogo é ocasião para descarga de energia vital superabundante, ou uma necessidade de distensão ou ainda, de exercício de auto controle, indispensável ao indivíduo.

Jogar é divertir-se, jogar é distender-se, evadir-se do viver quotidiano. A incerteza (acaso) que o jogo encerra torna quem dele participa tenso e vibrante. É coisa distinta da vida comum, é uma atividade voluntária e uma evasão do real para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. É um estar-fazendo-de-conta, como dizem as crianças.

A tensão é elemento dominante em todos os jogos, mesmo os solitários: charadas, quebra-cabeças, jogos de armar, paciência, tiro ao alvo. A tensão aumenta nos jogos que envolvem competições. Aliás o elemento competitivo torna os jogos apaixonantes, capazes de unir grandes massas humanas num mesmo e único anseio.

O jogo, em suas formas mais complexas, está saturado de ritmo e de harmonia que são — segundo Huizinga — os mais nobres dons da percepção estética. Ainda que a beleza não seja atributo inseparável do jogo, este tem inclinação a assumir acentuados elementos de beleza, de vivacidade e de graça. A beleza do corpo humano em movimento, atinge, no jogo, o seu apogeu.

Se não podemos explicar logicamente o jogo nem saber o que é, em sua essência íntima — existe porque existe — podemos contudo, apontar-lhe as características formais: é uma atividade livre, conscientemente tomada como “não séria”, é exterior à vida habitual e capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total.

O mistério envolve o jogo e os que dele participam a começar pelas crianças, daí o encanto do jogo ser reforçado por se fazer dele um segredo que só pode ser sabido pelos que deles participam.

Existe, dentro do domínio do jogo, uma ordem específica e absoluta e, em geral, desenrola-se em limitação de tempo e de espaço. É um fenômeno cultural a ser transmitido e conservado.

As grandes atividades da sociedade humana são marcadas por um caráter lúdico imanente. Huizinga chega a citar a linguagem chamando-a de “primeiro e supremo instrumento que o homem forjou” tocando aí num ponto de extrema contestação do pensamento moderno marcado pelo estruturalismo em que as palavras se revestem do peso de sua história material, do solo profundo de onde vieram em sua enigmática espessura. Michel Foucault interroga dentro de sua ansiosa procura do ser da linguagem: “como pode o homem ser o sujeito de uma linguagem que desde há milênios se formou sem ele, cujo sistema lhe escapa,

cujo sentido dorme num sono quase invencível nas palavras?”

As formas poéticas em suas raízes, ou em sua arqueologia, derivam dum jogo de palavras. Assim o homem, envolvido pela intrincada trama de possibilidades inumeráveis da linguagem, passa a ser uma peça do jogo, embora se acredite o autor de um mundo à parte — isto lhe faz bem — criado pelo jogo das palavras; um mundo poético onde transitam livremente os artistas. Um mundo poético e contestatário, ao lado do mundo da natureza, aparentemente subjugado mas emergente a cada transitar da história.

Uma criança fica transportada pelo jogo, pois ela luta por alguma coisa ou representa alguma coisa, um príncipe, uma fada, um animal; ela vive essa representação, consciente de que é um brinquedo, coisa não séria, diferente da vida corrente. A representação, as máscaras, brinquedos iniciais, não dariam origem ao teatro?

Nas representações sagradas dos povos que chamamos de primitivos, entra em jogo um elemento diferente, invisível mas presente, que liga os elementos entre si numa coesão profunda. Assim as festas sazonais, destinadas a estimular as sementes e propiciar fartas colheitas.

As festas natalinas, como o pastoril, por exemplo, são manifestações culturais de extremas ligações com o jogo. O caráter competitivo dos “cordões” azul e encarnado é apaixonante. O pastoril é um jogo enriquecido pela dança e pela música. É extremamente difícil determinar quando um ato religioso desliza para o simples e puro divertimento, tal como acontece com o pastoril. Parece que a noção de jogo se associa a de sagrado pois, segundo Platão, a religião é constituída pelos jogos dedicados à divindade, que o homem não passa de um joguete dos deuses.

Pastoril folguedo competitivo

Folguedos Natalinos

A influência religiosa em folguedos populares é um tema a ser estudado com mais profundidade. Muitos folguedos derivam de rituais antiquíssimos ou do adro das igrejas, como é, por exemplo, o pastoril. Auto da Natividade, o pastoril é uma fragmentação dos presépios, isto é, a cena estática do nascimento de Jesus na Manjedoura, com Maria e José ajoelhados diante do Menino, mais os pastores e os animais que vieram, para com o calor de seus corpos aquecer o ambiente para o Deus recém-nascido. O presépio, também chamado de Lapinha — local onde foi encenado nos inícios — era arrumado sobre palhas. Ao terminar o período natalino, estendido até o dia de Reis, a 6 de janeiro, desarmava-se o presépio. Mas que fazer das palhas sobre as quais tinha sido colocado o Menino? Seria indigno jogá-las no lixo, então um grupo de meninas, alunas de catecismo, saía cantando para a queima das palhas na frente da igreja.

Raul Valença, autor de um auto pastoril, nos afirma que nos fins do século XIX foi encenado até no Santa Isabel. A representação tinha como tema central a procura do lugar onde nascera Jesus. Pastorais formando dois cordões, caracterizados pelas cores azul e encarnado, faziam a procura através de cantos e danças.

O Pastoril, nome que caracterizava a parte dinâmica do Presépio, era encenado ora sobre um trabalho armado nos pátios das igrejas, ora em casas de famílias, sempre composto os cordões por meninas.

Com o passar do tempo o pastoril ganhou conotações novas, surgindo o chamado pastoril profano, praticado nas pontas de ruas, passando as pastorais a mulheres feitas, incluindo uma personagem a mais, um palhaço debochado, conhecido por “Velho”.

O Pastoril é um folguedo competitivo com partidários apaixonados, seja do azul, ou do encarnado. Os dois partidos são denominados de cordões. O Mestre Câmara Cascudo nos informa que o nome denuncia a poderosa influência da dança e da música profana, sobretudo a carnavalesca. As cores são votivas, o azul, de Nossa Senhora, e o encarnado de Nosso Senhor.

Das loas, cantos, louvações entoados diante do Presépio, na Noite do Natal, o pastoril foi evoluindo para os autos, peças de sentido apologetico, com enredo próprio, que tomavam a denominação quinhentista de “jornadas”, isto é, ato ou cena, ainda hoje usada no Nordeste (1).

Entre os dois cordões que se postam em fila, no palco ou tablado, encontra-se a Diana, pastora que veste metade de azul e metade de encarnado, na cantiga se diz assim:

Sou a Diana, não tenho partido.
O meu partido são os dois cordões,
Eu peço palma, fitas e flores,
Ó meus senhores, sua proteção.

Além da Diana destaca-se a Mestra, do encarnado, e a Contra Mestra, do azul. Nos pastorais antigos aparecia Lusbel, o anjo mau, e Gabriel, da milícia celeste, para protegê-las na hora propícia.

Os pastorais profanos dispensam estes personagens e a bem dizer, hoje em dia, conservam bem pouco de suas origens. Uma reminiscência é a entrada:

Boa noite, meus senhores todos
E estas minhas senhoras também,
As pastorinhas são coisinhas lindas
Para quem sabe gastar seu vintém.

(1) Dicionário do Folclore Brasileiro da Câmara Cascudo.

Revendo um homem chamado cavalo

CINEMA

Elliott Silverstein não pertence à resplandecente galeria de autores de **westerns**. A rigor, não é sequer um diretor cujas preocupações cinematográficas incluam a feitura de filmes desse gênero. E, o que é mais sintomático, Silverstein não pode ser incluído entre os artistas conhecidos do público. "Quais os outros filmes de Elliott Silverstein?", costumam perguntar as pessoas que viram, encantadas, **Um Homem Chamado Cavalo**.

Encantamento, eis uma palavra chave para quem estiver interessado em abordar analiticamente o filme de Silverstein. Não que ele seja um retorno às velhas e admiráveis estratégias manipuladas por um Ford, um Hawks, um Walsh. É exatamente o contrário. Possui uma poesia suís-generis, posto que impregnada de uma grandiloquência cheia de dignidade. Nos filmes dos legítimos mestres do gênero, principalmente nos de Ford, a qualidade poética nunca se desliga de um tom à primeira vista melodramático, visceralmente ligado ao coração, às emoções mais puras, simples e comoventes.

Um Homem Chamado Cavalo está situado entre os **westerns** de apurado conteúdo psicológico (**A Árvore dos Enforcados**, de Delmer Daves) e aqueles cujos heróis, insensíveis às conquistas de um tempo que não é mais o seu, ainda são capazes de, sonolentos e alquebra-

dos, empunhar um ameaçador revólver (Pistoleiros do Entardecer, de Sam Peckinpah). No **western** primitivo o herói é um ser que parece irromper do nada, mas, na realidade, vem de algum mundo fabuloso, longínquo, onde acabou de derrotar os inimigos da lei. É o que ocorre, por exemplo, com Shane, o enigmático personagem de **Os Brutos Também Amam**. Shane (Alan Ladd) passou a ser encarado como o protótipo do herói das pradarias.

No outro extremo, o espectador cinematográfico vai encontrar os dois personagens de **Pistoleiros do Entardecer**. (Randolph Scott e Joel McCrea) desiludidos com um tempo onde os **cowboys** estão praticamente fora de moda. Aliás, Sam Peckinpah é fascinado por **cowboys** decadentes. Num trabalho posterior, **Meu Ódio Será Sua Herança** (título original: **Wild Bunch**), Peckinpah transfere para o México de 1907 as ações de alguns indivíduos que, ao invés de certos revólveres, utilizam mortíferas metralhadoras.

Em **Um Homem Chamado Cavalo**, produção de 1973, Silverstein faz seu herói, John Morgan (Richard Harris), deparar com uma situação constrangedora e, para ele — de nacionalidade inglesa —, absolutamente inédita: a ameaça de impetuosos e vingativos guerreiros sioux. Morgan parece não se preocupar com o fato de estar caçando em pleno território ín-

dio. Capturado, é submetido a uma série de vexames verdadeiramente humilhantes para um súdito da coroa britânica. Há uma sequência em que ele, agonizado, grita para os seus algozes "Cristo! Eu sou um homem, não sou um cavalo".

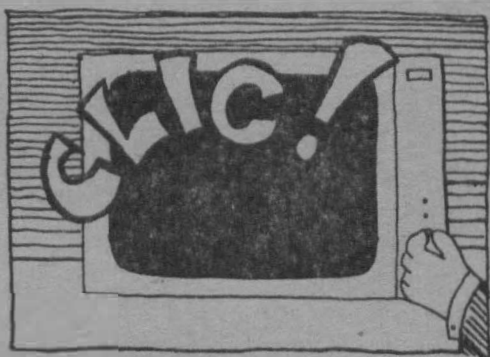
Inútil apelo. Através dos séculos, os índios não fizeram outra coisa senão apelar para os brancos invasores — e nunca foram respeitados como seres humanos. Perderam não apenas na vida real como também nas telas dos cinemas: John Wayne, tantas vezes dirigido por Ford e Hawks, matou mais índios do que todos os soldados enviados por Washington.

Um Homem Chamado Cavalo é também um filme altamente dramático. Vide a sequência em que os sioux obrigam Morgan a provar sua insensibilidade à dor física — aliás, uma cena que custou ao extraordinário ator Richard Harris duas semanas de hospital. Num outra sequência, uma velha índia, diante do filho morto, corta o dedo, entrega todos os seus pertences e espera pelo inverno — onde, invariavelmente, morre de frio.

Enfim, uma obra de qualidades excepcionais, exemplo raro de **western** que, mesmo desligado das mais fecundas matrizes do gênero, conserva um interesse acima de qualquer suspeita.

TELEVISÃO

MAU HUMOR & TERAPIA DE POBRE



Qual o programa pior: Os Trapalhões ou Domingo Alegre? O primeiro não pode ser, já que não mais é levado ao ar. Resta o segundo, que o substituiu num dos horários nobres da Rede Tupi de Televisão. Na realidade, o humorismo nunca foi o forte da televisão brasileira. Incapaz, mesmo, de atingir as modestas alturas atingidas pelas chanchadas cinematográficas dos anos 50. No caso de Domingo Alegre, por exemplo, há um paradoxo: alguns de seus humoristas foram partes integrantes das chanchadas cinematográficas.

O mais curioso, porém, é que Os Trapalhões batia recordes de audiência. O que, provavelmente, Domingo Alegre não conseguirá. Mesmo porque, e para comprovar basta sintonizar o Canal 6 aos domingos, 20 horas, o humorismo da Tupi é mais pobre do que qualquer outra coisa que se possa imaginar. E a completa indigência de Domingo Alegre forma um nítido contraste com as sequências humorísticas de um programa do mesmo horário, o Fantástico, da Rede Globo, onde Chico Anísio, sozinho diante das câmaras, dá um exemplo de como se fazer humorismo de boa qualidade.

Dá pena ver comediantes como Ankito, Costinha e Consuelo Leandro, todos integrando o elenco de Domingo Alegre, perdidos em meio às mais inconcebíveis baboseiras. Dá pena verificar que a Tupi ainda não aprendeu a fazer coisas engraçadas, ape-

sar de sua já longa experiência no campo do humor.

Forma de terapia

Para que ela se transforme numa anciã de 70 anos, o processo consiste no seguinte: uma máscara de borracha líquida, que endurece com certa lentidão. Em seguida, com a ajuda de um secador, ela perde gradativamente a rigidez e forma as rugas necessárias à interpretação do seu magnífico papel. E tem mais: é ainda preciso acrescentar uma peruca branca de mechas cacheadas porque uma boa parte dos cabelos dela caiu no decorrer do primeiro processo de criação da personagem, antes de as gravações começarem, por terem recebido nove descolorações em doze dias.

"Ela" é Yara Cortes, a melancólica e meiga Carolina da novela O Casarão — que, por sinal, acaba agora em dezembro. Yara grava três dias na semana, e permanece com a máscara durante toda a sua jornada de trabalho, aproximadamente oito horas. Depois, mais outra hora é gasta para retirar a máscara.

Semelhante suplício, contudo, vale a pena. Pois Yara Cortes é, no momento, uma das mais queridas atrizes brasileiras. A própria Yara afirma que a televisão seria uma forma de terapia, "o sofá de psicanalista do pobre", e atribui o sucesso de O Casarão ao fato de Carolina ter uma vida muito semelhante à da maioria das pessoas.



MANOEL NETO

DA ROÇA ÀS CALDEIRAS DAS INDÚSTRIAS, A CRUEL SORTE DO JUMENTO



Na sua lerdeza, contrastando com a própria capacidade de resistência às intempéries e, principalmente, à ingratidão do homem, a quem serve obstinadamente, o jumento, mais conhecido, na intimidade da sua co-participação da vida do nordestino, como jerico, começa a desfalar a paisagem regional: a espécie está em fase de extinção, por conta da ação predadora dos racionais que, por mais paradoxal que pareça, investem contra a própria natureza, não respeitam a grandeza e a ingenuidade da flora e da fauna.

Seus pratos diários — capim, milho e forragem — classificam-no entre os animais herbívoros, daí a grande capacidade de resistência, força e frugalidade, aspectos que lhe conferem inclusive enorme importância econômica.

INTELIGÊNCIA

Vários testes demonstram, cientificamente, que o burro é mais inteligente que seu primo, o cavalo, e que sua memória talvez seja superada apenas pela do homem, ou, dizem, do elefante.

Há cinco mil anos atrás, nos confins egípcios, o burro já obedecia docilmente a seus senhores humanos, em tarefas que até hoje seus descendentes continuam executando. A espécie espalhou-se por vários países, vindo inclusive compor a paisagem do Nordeste brasileiro, onde se destaca como inestimável colaborador do homem, notadamente nas áreas mais inóspitas, caracteriza-se pelas irregularidades climáticas.

RESPEITO

O burro selvagem subsistia tranquilamente, nas planícies áridas e semidesérticas, pastando a áspere vegetação, onde até plantas espinhosas como o cardo e o figo-da-índia serviam-lhe de comida. Há povos que têm um respeito fora do comum pelo burro. Entre os nômades árabes, por exemplo, nascer um burro trazia mais contentamento do que o nascimento de uma filha, que tinha cotação mais baixa no mercado.

De paciência inigualável, o burro suporta maus tratos, alimentação escassa ou imprópria, e quase nunca se rebela. Ele faz, geralmente, uma única exigência, ou, como queiram, teimosia: prolonga a sede, esperando ou à procura de um poço menos sujo, a fim de beber água limpa. Revela-se indócil apenas durante a época da reprodução, principalmente os machos: zurra, mostra-se um tanto quanto cismado perante o homem e hostil para seus semelhantes, com os quais chega a travar renhidas lutas.

RESISTÊNCIA

Subsiste — embora em número cada vez mais reduzido — no Interior nordestino, devido ser um meio de transporte e inestimável colaborador do homem que habita a zona rural. Ora carrega mercadorias, ora seu próprio dono, da roça para as feiras nas vilas e povoados. É nas fases mais difíceis por que geralmente passam famílias nordestinas, quando as estiagens prolongadas as obrigam a migrar: aí se vêem trafegando pelas

estradas áridas e empoeiradas, sol causticante, mulher e meninos, maltrapilhos, agarrados aos carecos, sobre o dorso dos jumentos, à procura de melhores dias, noutras regiões.

O desenvolvimento de técnicas agrícolas, novos meios de transporte, o êxodo do homem da zona rural para as grandes cidades — Recife tem servido de pólo para o Nordeste inteiro — tudo isso tem contribuído, ao lado das indústrias alimentícias que utilizam a carne de asno (como é o caso da que funciona em Belo Jardim) para a extinção da espécie.

SÚPLICA

"Não deixem o jumento morrer" — suplicam os nordestinos, a fim de que as autoridades coibam a violência contra a espécie, principalmente a ganância econômica de alguns que, transpirando inclusive periculosidade, tocam fogo nas caldeiras e industrializam os indefesos jumentos, transformando seus músculos, que tantos benefícios ofereceram à espécie humana, em carne de charque para fins de exportação.

Bradam os que ficam de coração partido ante tamanha crueldade: "cordeiro o jumento, fera o homem". Até as outras espécies animais — o cachorro, o boi, o macaco, inclusive os vegetais (que segundo o poeta Augusto dos Anjos, também têm alma) —, enfim, toda paisagem dos sertões nordestinos chora a morte do jumento. Sem este, ela fica amputada, esboça um sorriso bisonho, desdentado...

O menino da roça, geralmente sujo e barrigudo, já não ouve mais "o apito" do jumento, som que ecoa como música aos ouvidos das matas e caatingas, e serve até de "relógio" ao pinga do meio-dia.

DEFESA

Por tudo isso, principalmente pelos favores que o jegue tem dispensado ao seu senhor humano, merece, aos olhos dos que ainda amam a natureza, dos que são reconhecidos, quando nada, uma palavra de defesa, de exaltação. Até nos meios desportivos, ele se destaca, pois o povo de Petrolina, Interior de Pernambuco, incluiu no seu calendário turístico, uma corrida de jumento, atração de todos os anos naquela cidade.

No âmbito da literatura, merece aplausos o livro intitulado **O Jumento — nosso irmão**, do padre Antonio Vieira, natural do Ceará, obra praticamente esgotada, apesar das sucessivas edições.

Do jumento, disse o poeta Marcus Accioly:
Pestanas de nuvens no olho do sol vivo
Um céu de dragões entre espadas vermelhas
As folhas de abano das grandes orelhas
Os cascos rachados no solo exaustivo
A seca o nordeste o oceano arbustivo
O poço das águas que a sede descobre
Os ossos de baixo dos pelos de cobre
A sempre-odisséia do audaz-andarilho
O pasto de areia e sabugo de milho
E o zurro-relógio do horário de pobre

APOLOGIA

No campo da música popular, Luiz Gonzaga fez a "Apologia do Jumento", composição que expressa definitivamente a preocupação do autor com a sorte desse animal. Foi sucesso nas paradas musicais em todo o País. Trata-se de uma exaltação aos diversos aspectos da participação do jumento no cotidiano do homem nordestino.

O contributo no setor econômico é assim descrito por Luiz Gonzaga: "O jumento sempre foi o maior desenvolvimentista do Sertão; ajudou o homem na lida diária; ajudou o Brasil a se desenvolver; arrastou lenha, madeira, pedra, cal, cimento, tijolo, telha; fez açude, estrada de rodagem, carregou água pra casa do homem; fez a feira e serviu de montaria".

Quanto à ingratidão do homem, diz o autor: "O jumento é nosso irmão. E o homem, em retribuição, o que lhe dá? Castigo, pancada, pau nas pernas, nas orelhas. O jumento é bom, o homem é mau. E quando o pobre não aguenta mais o peso da carga e se deita no chão, você pensa que o homem chega a ajudar o bichinho? Pois sim, faz é um foguinho debaixo do rabo dele".

Atinou também Luiz Gonzaga para a parte cômica, folclórica, e aí lembra uma série de apelidos atribuídos ao jumento: "O jumento é bom, o homem é mau. O jumento é sagrado. O homem só presta pra botar apelidos no jumento. O pobrezinho tem apelido que não acha mais: bregueço, fofa-chão, imagem do cão, musgueiro, corneteiro, seresteiro, sineiro, relógio, astronauta, professor, estudante, advogado das bestas".

Está igualmente ligado ao fenômeno do misticismo do nordestino, e quanto a este aspecto, diz Luiz Gonzaga: "Animal sagrado: serviu de transporte para Nosso Senhor quando era pirritinho. Todo jumento tem uma cruz nas costas, foi onde o Menino Jesus fez pipi..."

